

SANDRA EGIDIA GARRIDO DE OLIVEIRA

**COTIDIANO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES:
ENCONTRO E DESENCONTRO**

UNIFIEO-CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO

Osasco

2008

SANDRA EGIDIA GARRIDO DE OLIVEIRA

**COTIDIANO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES:
ENCONTRO E DESENCONTRO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Psicologia Educacional do Centro Universitário FIEO, para obtenção do título de mestre em Psicologia Educacional, tendo como área de concentração Psicopedagogia, inserido na linha de pesquisa psicopedagogia em Instituição, sob orientação do Professor Doutor João Clemente de Souza Neto.

Osasco
2008

SANDRA EGIDIA GARRIDO DE OLIVEIRA

**COTIDIANO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES:
ENCONTRO E DESENCONTRO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto

Prof. Dra. Cleomar de Azevedo

Prof. Dra. Ingrid Hotte Ambrogi

Osasco, 29 de Maio de 2008.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua paciência, pelo seu cuidado, pelo incentivo e por ter me ensinado que a vida pode ser transfeita.

As professoras que cederam seus depoimentos para que esta pesquisa se tornasse possível.

As professoras Ingrid e Cleomar, pelas sugestões e recomendações que muito me valeram.

A Solange por ser minha amiga incondicional com quem eu posso dividir as preocupações e alegrias da docência.

Dedico este trabalho aos professores e professoras que enfrentam o desafio de fazer do ofício de ensinar uma profissão de competência e responsabilidade.

RESUMO

No presente trabalho é abordado as questões de como as professoras entende sua profissão, como percebe seus alunos, como justificam o fracasso escolar e como se sentem diante da dificuldade de ensinar nas escolas nos tempos atuais. Nessa perspectiva, considerando as representações sociais da professora como eixo de discussão e análise, em íntima articulação com a complexidade, a multiplicação de conflitos intra-escolar nas relações professora, aluno, família. Nesse sentido a professora está sendo chamada a ser mais do que uma transmissora dos conhecimentos acadêmicos, está cada vez mais sendo desafiada a agir com autonomia, responsabilidade e eficiência na construção de um espaço de busca questionamento, diálogo, reflexão de uma educação mais saudável. Somos conscientes de que o cotidiano escolar envolve muitas outras questões que as representações sociais. O importante é explicitar preocupações e provocar discussão no meio das professoras e é nesta perspectiva.que esta pesquisa segue.

PALAVRAS-CHAVE: Profissão do docente; Professor e aluno; Representações sociais.

ABSTRACT

On this present, the issues on how the teachers understand their profession, how they realize their students, how justify the school failure and how they feel beyond the difficulty of teaching up-to-date schools are approached. On that line, we consider the teachers' social representation as an axis of discussion and analysis, in close articulation with the complexity, the multiplication of intra-school conflicts in the teacher-student-family relationship. That way, the teachers are being called to be more than academy knowledge transmitters. They have being even more challenged to act with autonomy, responsibility and efficiency on the space construction of a questioning, dialogue, meditation of healthy education search. We are conscious that the school year involves lots of other issues than the social representation. The main point is to explicit the worry and provoke discussion among teachers and it is on this view that this research is developed.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
I.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO COTIDIANO DOCENTE	13
I.2.A ESCOLA FRENTE À COMPLEXIDADE.....	20
I.3 A IMPORTÂNCIA DA AUTO-ESTIMA NA PROFESSORA.....	29
METODOLOGIA E PROCEDIMENTO DA PESQUISA.....	33
CAPÍTULO II	42
2 PROFESSORA E ALUNO: UMA RELAÇÃO DE AJUDA	42
2.1 AS REPRESENTAÇÕES DO ESTUDANTE SOBRE SER PROFESSORA	45
2.2 REPRESENTAÇÕES DA PROFESSORA NO FAZER DOCENTE.....	47
2.3 A EXCLUSÃO QUE NÃO MORRE	51
2.4 .POSSIBILIDADES NO TRABALHO DECENTE.....	55
2.5 AUTORIZAR-SE A SER AUTORA DE SUA FELICIDADE	57
2.6 O PAPEL DA ESCOLA	61
2.7 A REPRESENTAÇÃO COLOCADA NO DESENHO	63
CAPÍTULO III	72
3 INTERVENÇÃO	72

CONSIDERAÇÕES FINAIS 78

REFERÊNCIAS 85

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é verificar através de uma pesquisa ação como a professora pensa e age em relação a seu ofício de ensinar, e como a representação social emerge na sua vida cotidiana dentro das escolas. Ou seja, este é um estudo que busca entender como os saberes populares, o senso comum das professoras dão sentido e configuram a trama simbólica sobre a educação no Brasil.

A melhor forma que encontramos para contar o que descobrimos foi por meio da metodologia da pesquisa-ação, onde a pesquisadora faz uso de uma observação e, ao mesmo tempo que observa, interage com as pesquisadas. Por essa ótica, o sujeito e o objeto se constroem e se refazem. Essa metodologia contribui para analisar o fazer docente por meio do uso das palavras, do desenho, da escrita da educadora, captando o que está nas entrelinhas, o que muitas vezes não é dito ou porque a própria professora desconhece ou não quer admiti-lo.

A professora, como sujeito social, constrói certo saber sobre o ser professora e ser aluno. No seu cotidiano de trabalho está entranhada a representação que tem do mundo, do vivido dentro da escola, e da sua subjetividade, o que contém uma enorme diversidade de significados. E esse espaço precisa ser entendido e decodificado, e é nesse sentido de interpretar que este trabalho segue. Interpretar a vida cotidiana da professora, na escola, é um processo que envolve um encontro entre o sujeito que pesquisa e o sujeito pesquisado. Tal encontro possibilita um relacionamento, onde tanto o objeto pesquisado quanto o pesquisador são sujeitos, e há sujeitos pré-dispostos à representação. Essa é uma determinante da qual não podemos escapar. Portanto, a interpretação é também uma representação que pode ser questionada e confrontada.

O ato de investigar e interpretar são, também, atos de refletir sobre a própria experiência e a experiência do outro, sobre a escrita e a fala dos autores. Portanto, esta pesquisa une-se a outras falas e escritas de autores que, em algum momento, estiveram pesquisando e escrevendo sobre esse tema. Nesse sentido, minha preocupação alia-se a outras preocupações de minhas colegas e professores

cujo anseio principal esteja relacionado com a justiça social, oportunidades iguais para todos, e liberdade de poder optar pelo caminho a ser trilhado pelo aluno.

Ainda que parte do estudo tenha sido realizado no ano de 2002, muitas das questões que aparecem como dados na pesquisa continuam a dar sentido ou podem, em parte, justificar a questão da má qualidade do ensino, principalmente porque tais questões aqui abordadas estão profundamente enraizadas na nossa “cultura educacional”.

Com esta pesquisa temos a intenção de não só provocar, desafiar a educadora mas também que, neste processo, possamos promover uma inquietação no sentido de que a professora busque a possibilidade de vir-a-ser, onde o sujeito, como nos coloca Hegel (1988), nega-se a si mesmo e busca sua própria superação. Onde possa se ver como um ser inacabado num constante refazer-se na sua vida cotidiana, um crítico das verdades estabelecidas, numa busca constante de realizar-se como sujeito sempre em construção..

Não gostaríamos, no entanto, de que esta pesquisa seguisse uma linha ingênua, simplista, no sentido de que “tudo posso”, nem de uma linha fatalista e amargurada diante das dificuldades do trabalho docente. Nesse sentido, pensamos no sujeito professor como aquele que abandona o seu mundo narcicista e confortável, para se transformar no sujeito inquieto, descontente com o que se apresenta nas escolas hoje

A principal motivação para a escrita desta dissertação, é que grande número das crianças e adolescentes que são atendidos nas escolas públicas da periferia de Osasco vivem em situação de risco. As omissões, a indiferença, o desprezo, a exclusão e a marginalização a que esses alunos são expostos no próprio sistema educacional violentam a sua integridade e distorcem o curso de sua evolução pessoal e social. Nesse sentido, a escola deve responder, de forma mais humana, às dificuldades aos impasses e aos danos que atingem o aluno, podendo ser aquela que permite ao sujeito chegar a si mesmo, transformar-se e transformar o mundo em que vive.

Considerando a origem, o estado em que vivem, a educação recebida nas próprias casas, ruas e em instituição sociais, essas crianças e adolescentes, certamente, estão mais vulneráveis a uma situação de risco, devido ao estado de pobreza em que geralmente vivem. Tais alunos podem encontrar, no ambiente escolar, no convívio com os colegas e, sobretudo, na relação com as

professoras, um pouco de conforto para seus infortúnios e ainda a continuidade de uma vida saudável, desenvolvendo ou consolidando sua confiança no outro ser humano.

A ação da professora pode servir como interlocutora ou depositária das angústias, das alegrias, das histórias e das experiências desses alunos e, assim, provocar mudanças ou maior credibilidade nos efeitos das adversidades ou das vitórias na vida dessas crianças e adolescentes. Além disso, o desejo em adquirir o conhecimento pode-se constituir para o aluno como um certo “agasalho”, para suavizar as cruzezas do cotidiano e, assim, clarificar a realidade de uma visão futura.

Para os alunos que freqüentam a escola pública, a educação é uma das principais oportunidades para melhorar a sua vida. Por isso se faz necessário analisar o modo de fazer a educação, principalmente do ponto de vista daquilo que é responsabilidade da educadora, já que ela serve, no cotidiano, de referência e motivação para as crianças e adolescentes mudarem suas vidas.

Para isso seria bom que a professora aprendesse a analisar sua própria prática, ou seja, como se reproduzem e se manifestam, no contexto educacional, as representações sociais, a saber: a intolerância, o preconceito, os paradigmas, as crenças, a auto-estima baixa, que se reproduzem num fluxo contínuo e dinâmico no cotidiano do fazer docente, visto que a sociedade, as relações de convivência que são desenvolvidos pela professora a educam num processo contínuo e de crescente complexidade.

.Uma das histórias que a mitologia grega nos conta é sobre o filho de Apolo, chamado Esculápio. Ele era tido pelo povo como o deus da Medicina, pois curava os enfermos de alma e de corpo. Ele acolhia os doentes em seus templos e convidava-os a pernoitar. Enquanto dormiam, acomodava-se junto a eles e escutava seus sonhos, para descobrir as causas de suas doenças. Ao alvorecer, conhecendo os segredos dos doentes, podia curá-los. Existe um valor curativo que se processa em poder contar para o outro as histórias da nossa vida. Ao relatar suas primeiras experiências de aprendizagem, na escola ou junto à família, a professora pode redimensionar sua história passada, trazendo-a para o contexto pedagógico atual, ou ainda, a situação de aprendizagem vivida em tempos passados pela professora pode servir de análise e ser útil para o seu aprendizado atual, transformando-se ela

própria em seu objeto de análise e estudo, tomando consciência de que é possível transformar suas representações sociais.

Tomamos como hipótese que irá orientar esta pesquisa a idéia de que a escola aqui representada pelas professoras lida, sempre, com as dificuldades, com a diferença e o pluralismo sócio-cultural da própria escola, dos alunos, dos pais, dos professores e que existe sempre uma ruptura entre as representações sociais dos sujeitos envolvidos. Acreditamos que essas representações hegemônicas acerca das professoras estarão presentes no cotidiano escolar.

Este trabalho é organizado em três capítulos. O primeiro define o problema da pesquisa, e são considerados elementos colocados pela professora sobre o ser educadora e ser aluno, e a forma como a teoria das representações sociais pode fornecer um entendimento sobre o problema em questão. O segundo capítulo é a própria pesquisa. No terceiro capítulo apresentamos os resultados da pesquisa e discutiremos o campo simbólico que constitui as representações sociais sobre a educação das escolas públicas no Brasil.

CAPÍTULO I

1.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO COTIDIANO DOCENTE

O estudo e a análise de nossa ação com base na representação já teve início no fim do século XIX, com Durkheim, que se preocupava em compreender os fatos sociais, salientando que os seres humanos faziam uso das pré-noções de aspecto gerais adquiridos ao longo de sua vida para usá-la na vida corrente. Em outras palavras, tudo o que concebemos, de maneira geral e simplificada, que aparecem em nós na forma mental, tais como dizeres populares, medicamento caseiro, opiniões, saberes, pré-conceito, valores passam pela nossa representação social. O conceito da representação social passou da área da Sociologia para a Antropologia e a partir dos anos 60, com as teorias de Serge Moscovici, entra para a Psicologia Social. Com a preocupação que ele tem para explicar as noções de consciência, do imaginário, simbólico e memória social, Moscovici faz um estudo profundo das representações sociais e abre espaço para trabalharmos com os saberes sociais produzidos por nossa cultura para identificarmos o senso comum verificarmos como se apresentam nos modos de vida de uma comunidade. No entanto, não queremos entendê-las como uma distorção, falsa consciência, ou um modo carregado de preconceito de se ver o mundo, uma vez que as representações nos acompanham pela vida toda e fazem parte da nossa história e estão presentes no dia-a-dia do ser humano. Portanto, ele inclui:

Sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-la: e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos do seu mundo e da sua história individual e social. (Moscovici, 1978; p.21).

Uma forma simples de definir as representações sociais poderíamos dizer que é o conjunto de conhecimentos, crenças, saberes do sujeito, que certamente vão modelar suas interações com outras pessoas, suas atitudes, seus comportamentos, em suma, sua história.

Quando buscamos compreender o conceito de representações sociais, percebemos que ele é muito mais complexo do que imaginávamos. Como o próprio Moscovici diz,

O conceito de representações sociais não está perfeitamente claro. Padece de um conteúdo demasiado amplo e mal definido. Não é facilmente apreendido intuitivamente e só ganha graça ao uso concreto (MOSCOVICI, 1978:106).

Na verdade, o que pretendemos aqui é tentar melhorar nossa compreensão do agir da professora, analisando mais apuradamente as representações sociais que são, neste momento, pontos de balizamento, ou uma perspectiva a partir da qual vamos observar um grupo de professoras e interpretar os acontecimentos, as situações.

Todo ser humano está inserido em grupos, podendo ser de familiares, de amizade, religioso, de trabalho, onde ocorre uma ligação cotidiana de trocas. Essa troca está baseada em um conhecimento que o grupo possui proveniente de um dado momento histórico-social, em que se produz o modo de pensar e de agir de qualquer indivíduo.

Exemplificando: conceito que temos em relação à expressão “ser pai” está apoiada num conjunto referencial de representações. A idéia de um pai, esta ligada a de um homem que tenha saído da adolescência, conviva com o filho de forma constante e afetiva, que seja responsável em cuidar, educar e prover suas necessidades básicas, como alimentação e abrigo. Quando ouvimos a palavra pai, nos lembramos dessa imagem com algumas idéias organizadas a respeito do que seja um pai. Claro que essa idéia não é igual para todos mas, a partir dessa imagem que está construída em nosso imaginário, fica difícil pensar na figura de um pai pré-adolescente, de 12 anos, ou um pai que desconheça seu filho, que não se relacione com ele.

Essa idéia de pai é uma representação social que foi construída na relação social, familiar, na convivência dentro de um coletivo ou grupo social, que se convencionou ser a noção de um pai. Segá escreveu em seu artigo:

As representações sociais nasceram no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. As pessoas tornam-se receptivas a manifestações que anteriormente lhes haviam escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações. (Sêga, 2000; p. 132)

Numa sociedade complexa como a nossa, uma pessoa constrói para si mesmo uma multidão de redes muito diversas, de acordo com seus papéis desempenhados no seu dia-a-dia. O meio social em que ela vive representa mais um fator entre muitos outros a determinar suas atividades cotidianas. Um mesmo indivíduo tem necessidade de interagir com múltiplos modelos de comportamento, a fim de poder viver com a complexidade e a variedade da vida social atual. Uma mulher pode desempenhar o papel de mãe, dona de casa, profissional, estudante, motorista, filha. Cada papel desempenhado vai seguir o modelo por ela escolhido. No entanto, esse modelo escolhido está diretamente relacionado com os modelos que ela presenciou durante sua vida, com o modelo proposto pelo seu grupo, e com a dimensão afetiva e emotiva pessoal.

As representações podem ser construídas tanto individualmente como coletivamente, possibilitando serem apreendidas pelo sujeito de forma subjetiva ou com base na sua experiência. Isso significa que uma representação não necessita de que tenhamos sempre uma imagem construída a partir do que vimos, ouvimos ou tocamos. Quando uma pessoa diz que faltam cinco meses para a criança nascer, não podemos ouvir, sentir ou ver o tempo, mas sabemos quanto é esse tempo de cinco meses. Toda vez que pensamos, podemos colocar em prática as representações, em figura, imagens, sensações, sentimentos. Se alguém nos convida a chupar um limão, antes mesmo de chupá-lo, podemos aguçar o sentido do paladar, a ponto de salivarmos, provocado pela sensação do azedume da fruta. A representação do azedo do limão realizou-se no pensamento. Podemos dizer então, que a nossa conduta é apoiada num conjunto de representações sociais ou que a nossa ação tem como referência um conjunto de representações construído pela

psique e no convívio social. Algumas representações podem ser instituída, como regras e valores sociais presentes no cotidiano de nossa vida e no mundo que nos cerca.

Entende-se que a todo momento estamos reconstruindo as idéias e teorias, ou estamos reelaborando as noções de valores e imagens como resultado das relações com o meio ambiente.

Ao tratar das representações sociais, detenho-me na área da Psicologia Social, desenvolvida por Moscovici e Jodelet, cuja teorização possa servir como ferramenta no campo da educação. É fato que o sujeito e o grupo social constroem o conhecimento, mas de que modo as representações sociais operam na forma de conhecer, interpretar e construir psicologicamente o real, ou ainda, como a sociedade que se dá a conhecer constrói esse conhecimento junto com os indivíduos? Nesse processo, sujeito e sociedade interagem numa parceria de construção da realidade, sendo que, a sociedade oferece “elementos” de como lidar com o objeto de trabalho que, no caso das professoras, é representado pelo aluno.

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade. Toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. (Sêga, 2000: 129).

Em se considerando a importância de trabalhar a representação social junto às professoras, decidimos pesquisar que caminho, em seu fazer diário, elas percorrem com relação a seus alunos, e no convívio diário entre elas. Salientamos que as professoras, assim como nós, não estão isentas desse processo. As representações que temos de ser professora ou de como vemos nossos alunos vão nos mostrar um fazer e agir de forma tanto mais alienada, mecânica, acrítica quanto mais forem as idéias deturpadas, formadas em nós sobre o ser professora. Se pensarmos que as representações são fenômenos mediadores do nosso pensar, agir e falar, conhecer tais representações é de grande importância, para que possamos encontrar elementos que contribuam para um melhor aperfeiçoamento do fazer docente.

A professora está inserida em um grupo de profissionais, com uma ligação cotidiana de convivência e troca. Esse grupo possui uma estrutura

organizada de conhecimento, que é fruto de dado momento histórico social que, por sua vez, determina o modo de pensar e agir do indivíduo.

As representações sociais ajuda-nos a entender a complexa práxis educacional do trabalho docente que está inserida nas instituições. Para tanto, torna-se, importante consideramos alguns fatores da prática educativa.

Temos percebido que as professoras, quando compartilham do mesmo espaço físico umas com as outras, passam a se unir em torno de uma idéia comum a todas, o que serve de apoio para definir e explicar os conflitos e nomear aspectos da realidade diária.

É interessante notarmos que as professoras têm exercido duas das mais importantes funções simbólicas e legitimadas pela instituição escolar ou pelo Estado: a transmissão do conhecimento oficial e a possibilidade de influenciar vidas, a ponto de que elas possam ser modificadas ou transformadas pela ação educativa. Entretanto, essa autoridade, que lhes é outorgada pelo título de educadora, muitas vezes passa despercebida por elas. Outras questões que estão mais próximas do senso comum são mais absorvidas e valorizadas, como a vocação na profissão, ou apontam para elementos que tendem para a dimensão romantizada do ensinar, e adjetivos como dedicação, afetividade, ser paciente imperam no seu vocabulário.

Jodelet (2001), têm mostrado que esses modelos de representações não são construções ingênuas mas, sim, formas sociais de se caracterizar a professora (mulher) com estruturas de discriminação, com uma moldagem estereotipada associada com a esfera doméstica, e que a auto-imagem das professora pode ser vista como um processo complexo de identificação. Essas idéias não são formadas num único local, isto é, suas representações não são construídas somente num “modelo” observado na infância, nem no modelo proposto pelo grupo de convívio diário, nem são simplesmente modelados por percepções ou estereótipos pré-existentes. São aspectos interpretados conjuntamente que circulam nos discursos do grupo. Tais representações são trazidas pelo grupo como forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem objetivo prático para a construção de uma realidade comum a um conjunto social

Por esse aspecto, ao pensar a representação que a professora tem de si mesma, do ato de educar e do próprio aluno, geralmente se faz menção a um conceito abstrato. Quando falamos da professora, é preciso aprofundar quem é essa docente.

Seria aquela que, quando ainda estudante de Pedagogia dedicava à pesquisa, lendo autores diversos.?

Seria aquela que optou pela Pedagogia por acreditar ser o magistério uma profissão sublime, cuja ação tornaria os alunos ávidos pelo aprender, desejosos de adquirir o conhecimento transmitido pela professora?

Ou, ainda, a professora que está na escola durante 15 anos, exausta pelo excesso de carga horária de trabalho, que está mais preocupada em como pagar as contas no final do mês do que com a qualidade de suas aulas?

Ou seria aquela que, mesmo cansada pelo exercício da profissão, (um processo extenuante), ainda encontra prazer naquilo que realiza.?

Todas são professoras, todavia, suas histórias de vida, condições econômicas, tempo de profissão, anseios, desejos, auto determinação, fazem dela a professora que é hoje.

Mas para a maioria de nós, quando falamos em professora, temos como modelo uma pessoa idealizada, com características que estão dentro dos padrões do imaginário ou das nossas representações. Na minha convivência, como parte do grupo de professoras, percebo que a tendência delas, quando falam do ofício de educar é cheia de contradições e confusa, pois a professora se perde entre o que ela tem como ideal e a realidade, ou seja, entre o modelo daquilo que ela esperava do ser professora e o que ela tem de concreto dentro da sua sala de aula. Essas representações, como já dissemos, podem estar relacionadas com as experiências passadas, com a cultura popular e com estruturas profundamente generalizadas assim, esses pensamentos condensam modelos sociais, experiência de vida expectativas futuras. Com pouca consciência e interpretação do problema e muita especulação, a maioria tenta construir teorias com – e em torno de – interpretações gerais. Torna-se evidente que tal situação gera na profissional um estado de incerteza referente ao que fazer, como fazer e para que fazer, induzindo-a a buscar soluções de caráter imediatista ou de alienação, desânimo e, por vezes, tornando-a mera executora de planos alheios. Por isso, a importância de que a professora possa redimensionar seu fazer pedagógico. Moscovici, refere-se as representações como fatores que fazem parte de nosso cotidiano e estão a todo instante mostrando quem somos.

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. (MOSCOVICI, 1978; p. 10).

Um outro aspecto parece-nos importante para melhor compreendermos o funcionamento das representações sociais. O sujeito não age de modo puramente individual e autônomo; ele interage com o seu grupo, recebendo e propondo novas alternativas, segundo o momento e a situação em que está vivendo. Face a esse fator, podemos dizer que o sujeito não pode ser totalmente modelado somente pela sociedade em que vive, porque ele é o sujeito que age, constrói, reconstrói o seu pensar e fazer qualquer atividade cotidiana, pois toda realidade está inacabada, e contribui no processo de criação e mudança dos conceitos, costumes, leis, normas.

Entretanto, mesmo sabendo que as representações sociais se constroem na interação social, gostaria de sublinhar outra dimensão que nos parece igualmente importante: a autonomia, que cada pessoa tem em poder discordar ou concordar de uma visão que é colocada. O sujeito, ao construir sua história, interage com ela, não só a copia, e reproduz. Ao contrário, o sujeito autor é aquele que procura sair do seu cárcere psíquico e social, para tentar transformar o que o indigna, ou como afirma Souza Neto:

Tomamos consciência de que a vida não é dada, mas construída a cada passo e a cada momento. Mesmo sem saber exatamente qual é o ponto de chegada, são capazes de contemplar o não-lugar e, a partir dessa contemplação, alimentar a caminhada. (SOUZA NETO, 2006; p. 88).

Finalizando, penso que, na tentativa de questionar as representações junto às professoras, podemos oferecer uma oportunidade para se desvelarem medos, fantasias, contradições entre diferentes formas de ver e dizer, para exercer a crítica e, talvez, para desafiar as ideologias repressivas.

Pelos meus quinze anos diários de experiência como professora e convivendo com colegas da mesma profissão, sempre percebi maneiras diferentes de tratar a criança e de interagir com elas dentro da sala de aula. As professoras, no

seu fazer diário, trazem consigo a representação do que é ser criança e do que é ser professora, e isso influencia o seu cotidiano.

1.2. A ESCOLA FRENTE À COMPLEXIDADE

Todos nós que trabalhamos numa escola sabemos que ela é um sistema social e educacional onde coexistem diferentes autores, com diferentes percepções, forma de pensar, objetivos, com conflitos, onde há jogos de poder. A gestão de uma escola é complexa e burocrática. Também implica em gerenciar professoras, alunos, pais, funcionários, recursos financeiros, horários, equipamentos, com o desafio de não ceder aos interesses pessoais, e resistir às influências dos grupos, daí a grande dificuldade que a dirigente têm para lidar com os sujeitos que trabalham na escola ou dela se utilizam.

Entende-se que o perfil da escola pública contemporânea deve ser pensado para além da complexidade que a acompanha.

[...]deve facilitar que cada indivíduo reconstrua conscientemente seu pensamento e ação por meio de um processo coletivo de descentralização e reflexão sobre a própria experiência e a dos demais, e tenha autonomia intelectual para analisar criticamente os processos e os conteúdos socializadores recebidos e articulá-los em um âmbito totalizador. (IMBERMÓN, 2000; p. 189).

Dessa forma, a escola pensada ou desejada deve ser aquela que saiba olhar para o seu futuro, que construa, que analise seus processos e a forma de atuar, que também, por isso, ciente de sua autonomia responsável, saiba prestar contas de sua atuação. Ela é uma instituição pensante, que se avalia, se organiza, aprende e preocupa-se em estar qualificada. Sabe trabalhar em equipe e enriquece com a troca entre seus pares. Transforma-se em um lugar significativo para construir relações emancipatórias.

Contudo, a escola ainda não se deu conta de que ela precisa se reconstruir e abandonar a atitude negativa de se sentir mal compreendida, mal amada, numa posição onde espera sempre que “outros” venham mudar sua trajetória. Temos observado que a escola, em sua maioria, está presa a uma

lamúria, que a condena a um fatalismo, há muito tempo vem lamentando o insucesso que carrega uma história de frustrações.

Podemos dizer que a escola possui uma dualidade em sua função ou, mais que isto, passa por momento de complexidade e contradição, um paradoxo no seu fazer diário.

A escola não é apenas um instrumento de dominação, mas, também, de emancipação. Se de um lado, aprender a ler significa incorporar valores da classe dominante, de outro, é aprender a descortinar o mundo. (LIBERAL, 2006; p. 48)

Um outro paradoxo da escola é que determinadas escolas públicas conhecidas pela sua má qualidade de ensino atende à camada mais pobre da população; já outras escolas públicas, consideradas de excelência, só recebem população de alto poder aquisitivo. O que nos leva a tomar cuidado de não deixarmos contaminar pelo pensamento único ou linear. A culpa pelo fracasso escolar não cabe só à professora, mas perpassa pelo sistema escolar. No entanto ela está sendo chamada a ser

[...] mais do que um locus de apropriação do conhecimento socialmente relevante [...] é um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo. (CANDAU, 2000; p. 14).

Isso supõe um processo de desconstrução do sistema educacional, de penetração no universo de preconceitos e discriminação, um questionamento do caráter da monocultura existente nas escolas, uma valorização da diversidade cultural. É preciso reconhecer que os valores morais precisam retornar às escolas, para ajudar na construção de um sujeito ético.

Como nos coloca Fulghum em seu poema:

Tudo aprendi no jardim da infância

Tudo o que é necessário saber para viver, “como fazer” e “como ser”, aprendi no jardim da infância. A sabedoria não se encontra no final do mestrado universitário, mas na montanha de areia do jardim de infância.

isto é o que aprendi:

Compartilha tudo,
 Joga limpo,
 Não golpeies as pessoas,
 Coloca as coisas onde as encontraste,
 Limpa tua bagunça,
 Não tomes o que não te pertence,
 Pede perdão se feres alguém,
 Lava as mãos antes de comer,
 Come com apetite,
 Pão quente e leite frio são bons para ti.

Vive uma vida equilibrada:

Aprende algo,
 Pensa algo,
 Desenha,
 Pinta,
 Canta,
 Dança,
 Joga,
 Trabalha cada dia um pouco,
 E dorme uma sesta pelas tardes .

Toma qualquer desses pontos e aplica-os ao sofisticado mundo dos adultos e á tua vida familiar, ao teu trabalho, ao governo e ao mundo e verás que sustentas a verdade clara e firme.

Pensa que tipo de mundo teríamos se todos continuássemos nos comportando assim.

(Fulghum, 1989:23)

Tendo claro que o sentido educativo deve ser a tônica predominante no fazer docente, a forma de concretizar a intencionalidade educativa deve ser a preocupação central que motiva a professora no seu cotidiano. Nesse sentido, para que o processo de aprendizagem e ensino ocorra de forma saudável, é necessário que a professora desenvolva a confiança na capacidade do aluno em aprender, e o aluno, na competência que a professora tem em ensinar.

Portanto, pensar processo de aprendizagem e ensino significa que ele ocorra não de forma distinta e separada, mas interagindo dialeticamente entre si. Isto é a aprendizagem ocorre também na convivência entre parceiros, sujeitos que se unem em volta de objetivos comuns, que se dispõem a trocar algo, realizando, juntos e ao mesmo tempo, uma atividade na qual o movimento de dar e receber é permanente entre os parceiros. Isto inclui “desejo, interesse e motivação aliam-se à

percepção, memória, pensamento, imaginação e vontade, em uma atividade dinâmica entre pessoas”. (VYGOTSKY, 1989; p. 186).

Ou seja, a ação do conhecer ocorre no vaivém dialético entre sujeitos que se unem com um objetivo comum, na cooperação, ou no confronto de idéias, ou na busca de solução, ou até na competição.

A escola, como qualquer outra instituição, é um cenário permanente de conflitos, portanto, podemos entender uma aula como o resultado de um processo de negociação informal, explícito ou disfarçado, que se desenvolve em um lugar intermediário entre aquilo que a instituição escolar ou a professora querem que os alunos aprendam e aquilo que o aluno deseja aprender. Esse processo pode ocorrer por meio de resistência, recusas, ou de forma passiva ou não.

Nesse sentido, o cotidiano escolar acontece nas interações entre os pares professora e alunos, onde se trocam, explícita ou veladamente, idéias e interesses diferentes, que podem se enfrentar ou discordar entre si. Compreender a escola como um lugar onde as diferenças são fomentadas é mais saudável, pois possibilita legitimar as diferenças sociais e econômicas existentes na escola, assim também, como reconhecer a discriminação que lá acontece. Desse modo, derruba-se a hipocrisia de que a escola vive num manto de igualdade e oportunidade para todos, como uma instituição homogeneizada.

A escola possui algumas determinações, normas, regras, que precisa para o seu bom funcionamento, mas o espaço escolar é, antes de mais nada, um aglomerado aberto de representações, uma vez que ela recebe, além do corpo docente, os agentes administrativos, os colaboradores, como as cozinheiras, as faxineiras, o porteiro, os pais, os alunos e a própria organização do sistema educacional. Tudo isso contextualiza a vida mutante dos membros da escola, que estão se modificando sempre. Por isso, a representação oferece sempre um espaço de negociação de significados, que se recriam constantemente como consequência desse mesmo processo de negociação.

Como esta dissertação trata de uma pesquisa junto às professoras, é necessário que nos debruçemos sobre os convívio dentro da escola, nos desdobramentos que atingem diretamente a sala de aula como as relações entre os agentes escolares e sua clientela, incluindo o convívio intra e extra-escolar. Nesse sentido, vamos nos deter brevemente nos atores que compõem o cenário escolar-

as professoras, os alunos e os pais dos alunos- para a apreensão de diferentes olhares sobre a instituição escolar.

Para apreender as representações das professoras, precisávamos, então, buscar compreender um pouco das representações das mães, cujos filhos estudam nessa escola.

Assim como cada um de nós, essas mães não estão isentas do processo das representações, o que pode levá-las a terem idéias pré-estabelecidas, o que influencia no seu pensar, agir, falar. Tais representações são desveladas a partir dos valores que as mães alimentam, dos sonhos que desenvolvem sobre o que representa a escola de seus filhos para elas.

Caminhando com essas questões, gostaria de aqui fazer um breve relato para identificar a população que freqüenta a escola pública pesquisada. A maior parte das famílias atendida pela escola é originária do Nordeste do país, ou de pais que vieram para cá trazendo suas famílias na busca de melhores condições de vida. Há histórias de estarem fugindo de uma vida de trabalho pesado na agricultura, de pouca comida, habitação precária e muita pobreza. Ainda hoje, morando em Osasco, encaram uma rotina exaustiva de trabalho longe de suas casas, utilizando, para isso, vários coletivos lotados para poderem se locomover de casa para o local de trabalho. Trabalho esse que lhes dá uma baixa remuneração, acrescido, no caso das mulheres, do trabalho doméstico de suas próprias casas e a educação de seus filhos. Muitas vezes, são elas mesmas que mantêm o lar. Enfrentam problemas com seus companheiros, quer pela ausência ou presença deles. Não raro, os filhos nos quais depositavam seus sonhos de melhorar a situação econômica, com sua ajuda na composição da renda familiar, acabam por frustrá-las com a iniciação no mundo das drogas. Também vivem em espaços apertado, violentos, insalubres. Mas, apesar de tudo, teimosamente, ainda sonham com um trabalho de melhor qualidade, um lugar mais decente para morar e uma vida melhor para seus filhos. Depositam na escola suas esperanças, fazem de seus filhos a razão e a recompensa de seus sacrifícios. As representações dessas mães não são uma mera reprodução automática das experiências vivenciadas no seu cotidiano. Pelo contrário, há uma elaboração enorme do sujeito para que a situação posta, aquela que está vivendo, se resolva, o que envolve momentos de angústias, incertezas, desânimo, otimismo, esperança, requerendo delas um embate consigo mesmos, estabelecendo-se, assim, formas de conflitos e confrontos nas relações vivenciadas.

As representações que emergem das mães e das professoras constroem-se sobre imperativos culturais e históricos diferentes. Sabemos que as mães da escola observada, que lidam com a violência doméstica, lutam pela sobrevivência, fogem, da insegurança urbana, das ameaças, vivem na pobreza ou até na miséria, buscam adequar-se aos padrões pré-estabelecidos da família modelo, aquele que recebemos pronto da sociedade. No entanto, com os limites do momento e as vicissitude da vida, surge a criação de um novo modelo familiar, que é vivido segundo as possibilidades que lhes é permitido, por vezes, distante de um desejado, mas é o que lhes é possível no momento.

[...] as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho a processo de influencia e até mesmo de manipulação social. Estas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações.(Jodelet, 2001: 21)

Portanto, as representações refletem valores individuais e coletivos com conteúdos conscientes e inconscientes, institucionalizados ou não, misturam-se numa composição de cores, criando novos momentos, valores e oportunidades. O diálogo com os pares que convivem dentro da escola, embora guardem suas singularidades, receberá reciprocamente a influência das subjetividades.

Sendo assim, podemos dizer que as representações nos dão a possibilidade de retirar delas o estado de estagnação, de imobilidade, pois nelas também estão os sonhos, as utopias. Lefebvre (1991). Nesse sentido, a escola é um aglomerado de representações , o que oferece a possibilidade de uma vida de mudanças para aqueles que atuam no fazer docente.

A preocupação em caracterizar a população com a qual a escola trabalha é importante, na medida em que o processo de ensino e aprendizagem acontece entre diferentes sujeitos e grupos sociais ou multiculturas. Além disso, a escola não só acolhe as diferenças sociais, mas também ela é o local, o centro das diversidades da sua clientela, é também o lócus a partir do qual novas diferenças e novas demandas se instauram, criam-se novas apreensões sobre o já conhecido.

Em última instância, ela pode ser o local das grandes transformações do sujeito e da condição humana.

Faz-se interessante, neste momento, olhar para a professora, assim como também olhamos para as mães, na perspectiva da complexidade, na qual a educadora pode ser compreendida como um sistema de várias esferas, tais como a sua história passada e presente, seus aspectos biológicos e seus desejos. Situar, enfim, a profissão e o momento histórico em que a educadora vive.

As professoras da escola observada realizaram seus estudos em escolas públicas, vêm de família de classe média, optaram pela profissão ainda na sua adolescência ou juventude, e ingressaram no magistério logo após sua formação. O salário que recebem ou sustenta a casa, ou compõe o orçamento doméstico. Trabalham em duas escolas, não por opção, mas por necessidade de terem um salário maior, sentem um certo “desconforto” quando falam da docência, não acreditam que a educação formal possa transformar a vida do aluno. Formam, na escola, um grupo unido entre elas. São sujeitos que, assim como as mães, têm histórias de superação, de arrimo de família, de lutarem sozinhas pela educação dos filhos.

Segundo a pesquisa realizada pela UNESCO - O Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...(2004:120) - 78% dos professores pesquisados destacam que os fatores que influenciam a aprendizagem dos alunos é o acompanhamento e o apoio da família; em segundo lugar, a relação professor e aluno e, em terceiro lugar, 31,9% acreditam que é a competência do professor. Ainda, na visão desses professores em relação aos jovens, eles não crêem que seus alunos possam contribuir, pelo menos de imediato, para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Percebemos que a figura do adolescente, nas escolas indica “problema social”, há dificuldades para encarar tais alunos como sujeitos capazes de ter iniciativa, de contribuir para a construção de uma sociedade mais qualitativa, de propor soluções e a superação de seus próprios problemas.

Diante desses dados fica uma pergunta: como pode a professora contribuir para o desenvolvimento dos alunos, ou mesmo auxiliá-lo para a formação de um cidadão, se não acredita nas suas possibilidades de vir a ser? Foi nesse sentido que buscamos despertar na professora o seu transfazer como docente.

A relação educadora - aluno e pais não é unilateral e nem unidirecional, pois envolve acordos, visão de mundo, significados, representações, sentimentos, valores que se mesclam e são confrontados ou acordados com os significados que estão em cada um e nos que circulam pela escola.

As diversas culturas ou diversas configurações culturais que a escola recebe, podendo vir da cultura dos jovens, da cultura popular, da rural, das periferias da cidade, das marginais e ainda, as questões de gênero mesclam-se na escola, produzindo uma característica única, específica dessa escola. Candau reconhece a escola como

Um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cujo papel seria a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações. (CANDAU, 2000; p. 80).

O que normalmente ocorre é que as escolas ignoram ou relativizam essas culturas.

Nesse sentido, a escola aqui pesquisada tem evidenciado claramente pouca disposição para abraçar essas culturas, o que resulta que ela desenvolva uma cultura pouco permeável, padronizada, formal, ritualística, que enfatiza processo de mera transmissão de conhecimento, e que ignora as diversas formas de linguagem e expressão dos diferentes grupos culturais. Como afirma novamente Candau.

Mudaram as culturas sociais de referencia, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com estes universos. (CANDAU, 2006; p. 169).

Essa dinâmica cristalizada torna as diferenças dessas representações mais visíveis, em função da própria representação que o sujeito-professora, pais de alunos, alunos e a instituição escolar possuem.

Não só os alunos assim como os professores e pais têm suas próprias representações, histórias de vida, expectativas. Quando mergulhamos no cotidiano da escola que participa desta pesquisa, percebemos que o desejo dos alunos em terminar o curso era ou para se preparar para o ingresso na faculdade, ou

para cumprir uma formalidade para conseguir a “certificação”, ou ainda uma melhor preparação para o mercado de trabalho. De fato, alunos e professores parece não se entenderem sobre a identidade da escola, falta clareza sobre para que conhecer, para que aprender. Não se sabe com certeza quais as funções qual o sentido da escola. Outro aspecto que nos chamou a atenção está relacionado à dificuldade de relacionar o prazer com o aprender. A construção do conhecimento estava em geral associada a um cumprimento do dever, a um esforço para poder sair logo da escola. Há um embate entre professoras e alunos, afrontamento que pode ser uma tentativa consciente ou não de preservar sua ideologia, sua cultura ou, ainda, uma resistência contra um modelo no qual eles não crêem. É certo que tal situação acaba gerando intensos conflitos entre educadores e alunos. Diferentemente dos pais que se adaptam, de forma passiva, ao esquema imposto, que assumem os valores da escola com submissão e obediência. Adotam tal postura, talvez por não estarem em condições intelectuais de discutirem sobre o que esperam da escola, e terminam por incorporar a missão da escola como uma tarefa que é a de transformar seus filhos - “anjos ou demônios”- em adolescentes capazes de iniciar e terminar um curso.

Ao pensar no processo de ensino e aprendizagem, é interessante observar que a relação professora-aluno supõe participação ativa de ambas as partes. É também através do embate entre educadores versus alunos que ambos vão construindo sua visão de escola, de educação, de afetividade, conforme os significados que cada um já vem elaborando, ao longo de suas vidas, e que envolve valores, conceitos, sentimentos e interpretações pessoais. Tudo isso é confrontado com os significados que a professora tem do aluno, do aprender, da instituição escolar, da sua profissão. Também os alunos vão formando alguns significados a respeito de sua professora e da escola. Esses significados circulam pela escola de boca em boca dos professores, diretores, atendentes, alunos, pais. Essa questão é muito bem tratada por Jodelet, quando declara:

As representações, ativamente constroem ou, melhor ainda, ativamente reconstroem a realidade, de uma forma autônoma criativa [...] elas representam, por excelência, o espaço do sujeito social, lutando para dar sentido, interpretar e construir o mundo em que ela se encontra. (JODELET apud JOVCHELOVITCH, 2000; p. 41).

Creio que a professora, ao tomar conhecimento de suas representações, nesse ato, possa alterar o seu ser, e, por meio delas, a mudança da condição humana possa ocorrer e, assim, proporcionar a seus alunos na sala de aula, um espaço de pertencimento e de acolhimento das diferenças individuais. “O homem que adquire o saber, passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isso se torna um elemento transformador de seu mundo.” (PINTO, 2000:49).

Também, porque a educadora-autora pode encontrar um espaço na sua sensibilidade e fazer de sua prática diária, dos vínculos que se formam entre ela e seus alunos “um momento pedagógico de humanização” (ARROYO, 1998, p. 243), podendo, assim, contribuir para mudar o quadro de barbárie e degradação da infância e da adolescência a que, às vezes, são expostos nossos alunos.

Acreditamos que a boa auto-estima da professora possa ajudar nesse processo de construir junto ao aluno interesses sociais, aprender a ser um sujeito ético que conviva melhor em sociedade.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA AUTO-ESTIMA NA PROFESSORA: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Como o nosso propósito nesta dissertação é a análise das representações sociais da professora, discutiremos as contribuições teóricas que tratam sobre a auto-estima, e como esse conceito de baixa ou elevada auto-estima pode atrapalhar ou ajudar na solução dos problemas na educação. Para tanto, inicialmente, será apresentada uma reflexão breve sobre a vida cotidiana, evidenciando como o sujeito é submetido à avaliação, como sofre julgamento por parte de outras pessoas, quer sejam pais, amigos, parentes.

É no mundo cotidiano, em situações de face a face com o outro, que a concepção de mundo e da sua própria identidade vai sendo apreendida. É nessa interação que ocorre a troca entre os locutores de como um vê o outro, em outras palavras, o conceito que o sujeito tem sobre si mesmo faz parte daquilo que o outro

manifesta a seu respeito. É a resposta do outro que completa a reflexão que tenho sobre minha pessoa.

Nesse sentido, a identidade e o auto-conceito daquilo que conscientemente e inconscientemente achamos que somos, nossas características físicas e psicológicas, nossos pontos negativos e positivos, são formados também pelo conceito que os outros fazem de nós, ou por aquilo que as pessoa dizem sobre nós.

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. (BERGER, 2002; p. 228).

O conceito que temos de nós mesmos e a auto-estima são influenciados pela forma como nos sentimos acerca de nós mesmos, portanto é importante ter uma boa auto-estima, porque dela depende o prazer pelo que somos.

Confiança em nossa capacidade de pensar; confiança em nossa habilidade de dar conta dos desafios básicos da vida; e confiança em nosso direito de vencer e sermos felizes; a sensação de que temos valor, e de que merecemos e podemos afirmar nossas necessidades e aquilo que queremos alcançar nossas metas e colher os frutos de nossos esforços. (BRANDEM, 2000; p. 22).

A baixa auto-estima sugere um sentimento de impotência, de incapacidade, de culpa, que cerceia a autoria de pensamento da professora, gera inibição cognitiva, prejudica o pensar com autonomia, e instala-se um mal estar que pode produzir angústia, desconforto. A baixa auto-estima

É formada tanto por fatores internos quanto por externos. Por “internos”, refiro-me aos fatores que residem dentro do indivíduo, ou que são gerados por ele- idéias ou crenças, práticas ou comportamentos. “Externos” são os fatores do meio ambiente: mensagens verbais ou não verbais que nos são transmitidas e as

experiências produzidas pelos pais, professores, pelas “pessoas significativas”, pelas organizações e pela cultura. (Id, 2000; p. 9).

Sendo assim, podemos dizer que a auto-estima pode ser identificada como a soma de uma boa confiança em si e do auto-respeito. Ela reflete o julgamento implícito da nossa capacidade de lidar com os desafios da vida, de entender e dominar os problemas que advêm do nosso viver, e respeitar e defender as próprias necessidades, direitos e interesses. Tudo aquilo que o indivíduo pensa de si mesmo, aquilo em que acredita de si mesmo, o que ele fala de si próprio influencia o que ele sente e o que faz, ou ainda, a forma como se sente acerca de si mesmo. É algo que afeta toda a sua vida, seja ela no trabalho, seja nas relações com o outro e, até mesmo, o modo de atuar como mãe, como professora, como profissional. A reação da professora aos acontecimentos do cotidiano, em sala de aula, pode ser determinada por aquilo que pensa a respeito de si mesma. Se o julgamento que se faz de si mesma é positivo, esse conceito é importante para se ter uma vida satisfatória. A ação que o sujeito desenvolve depende da imagem que ele tem de si próprio.

Possuir uma auto-estima elevada é sentir-se confiante e adequar-se à vida, isto é, administrar os conflitos com competência e saber-se merecedor de ser feliz. Ter uma baixa auto-estima é sentir-se inadequado à vida ou com o sentimento de estar errado como pessoa, o que pode levar o indivíduo à sensação de insegurança, dúvida, medo da sua realização pessoal. No processo de formação da auto-estima são responsáveis as informações negativas vindas de outras pessoas, principalmente na infância. É bom lembrar que, nem sempre uma boa auto-estima é determinada pelo sucesso individual do sujeito, pela aparência física, ou por qualquer outro valor que não esteja sob o controle de sua vontade. Uma pessoa pode ter tudo isso e ainda assim possuir uma baixa auto-estima. A auto-estima é definida como: “Apreciar meu valor e importância próprios, ter um caráter confiável para mim mesmo e agir responsabilmente com os outros.” (BRANDEM, 2000, p. 384).

Julgar-se adequado à vida, à experiência da competência e do valor é confiar em si. Assim, a relação consigo mesma propicia à professora a capacidade de reagir ativa e positivamente às dificuldades de sua profissão. A auto-estima saudável é também o fundamento da seriedade de espírito que torna possível

desfrutar a vida. O auto conceito determina a visão mais profunda de si mesma, influencia todas as escolhas significativas e todas as decisões e, portanto, determina o tipo de vida que se cria para si. Uma professora que consegue transformar aquilo que a incomoda em um desafio para ser transposto, que consegue alcançar as metas e vencer as tarefas que estabeleceu para si, enfrentar os desafios, essa professora possivelmente é mais feliz no seu ofício de ensinar.

Quanto maior a auto- estima da professora, mais bem equipada estará para lidar com as adversidades do seu cotidiano; quanto mais flexível for, mais resistirá às pressões, ao desespero e à derrota; quanto maior a auto- estima, mais criativa em seu trabalho, e maior a probabilidade de obter sucesso. Aumenta também a possibilidade de manter relações saudáveis, e mais inclinada estará a tratar seus alunos com respeito, benevolência e boa vontade, uma vez que o auto- respeito é fundamento do respeito pelo outro. A auto- estima leva a educadora a viver de maneira ativa e não passiva, a assumir responsabilidade por suas opções, por seus sentimentos e desejos, por sua própria vida.

A baixa auto- estima talvez seja um determinante que se instala como sintoma patológico, inibindo a capacidade produtiva da professora, destruindo a autoria de seu pensamento e pode adoecer o ensinar da professora.

O homem não é um recurso – ele possui recursos, cria recursos. Faz uso de seus sentidos, do seus sentimentos, de sua imaginação, de sua memória, de sua inteligência – esses, sim, recursos- para sobre a realidade, transformá-la, adaptá-la a sua necessidades e desejos. (RIOS, 2001 p. 43).

A professora que possui uma boa auto-estima pode utilizar-se da representação que oferece sempre um espaço de negociação de significados, que se recriam constantemente como consequência desse mesmo processo de negociação, não se deixando aprisionar pelas representações do conformismo do repetir, reproduzir, e recriar o funcionamento social tal como ele é.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTO DA PESQUISA

A palavra metodologia, no conhecimento científico, é:

“O caminho pelo qual o sujeito percorre para a apreensão da realidade, sem questionar que tipo de vinculação se estabelece nesse percurso, entre o sujeito que conhece e a realidade.” (FRANCO, 2005, p.68).

O caminho percorrido por mim para realizar esta pesquisa foi o da pesquisa-ação participante da linha interpretativa, no qual a pesquisadora abre um diálogo, ao mesmo tempo, com a literatura científica e o sujeito da sua pesquisa, e consigo mesma, ou seja, com a sua subjetividade. Esse trio compõe os principais elementos do processo de pesquisa. Essa perspectiva de trabalho, na pesquisa educacional, abre espaço para uma abordagem mais crítica com relação aos problemas educacionais, o que nos permite ter um olhar interdisciplinar e multidisciplinar, ou ainda, um olhar reflexivo sobre o próprio dizer e fazer pesquisa.

Costa (2005) mostra que a formulação das perguntas deve nos remeter-nos a uma certa inquietação, a um certo mal estar para o qual buscamos respostas.

As perguntas de que me ocupo, aqui, são aquelas que dão sentido ao trabalho investigativo, aquelas que mobilizam quem pesquisa, removem todo o campo dos saberes e deixam tudo em aberto que num misto de incertezas e promessa. Tais perguntas emergem de uma certa insatisfação, de uma certa instabilidade, de uma certa dúvida, de uma certa desconfiança, de uma certa insegurança. (COSTA, 2005, p.200).

Pelo exposto acima, podemos perceber que fazer pesquisa no mundo contemporâneo é saber que estamos vivendo mudanças profundas, as quais ainda não sabemos compreender adequadamente. O impacto dessa constatação pode gerar no pesquisador inseguranças, incertezas, perplexidade, inquietude. Ao ir em busca de respostas, no trabalho investigativo, nós, pesquisadores, muitas vezes e, paradoxalmente, nos colocamos no lugar do provisório, da instabilidade, perdemos o eixo, isto é, nos embrenhamos em teias do pensamento, o que nos encaminha para uma reflexão e, ao invés de caminharmos por rotas seguras, nos vemos num processo de desestabilização do certo e do já definido.

Assim sendo, a decisão pelo procedimento de pesquisa-ação foi tomada após a formulação do problema indicar que a coleta de dados sugere que seja feita através da observação da professora, no seu local de trabalho, com entrevistas, recolhendo depoimentos, desenhos feitos por ela, respostas de perguntas, em diálogos com as educadoras, as quais falam do seu cotidiano. A entrevista ocorreu de forma espontânea, com a intervenção da minha parte, com o objetivo de buscar estabelecer uma relação de descontração, afastando-se da informalidade da entrevista.

A metodologia deve ser baseada na experiência do pesquisador num movimento dialético do pensamento, que vai do que ele já conhece para o que ele tem observado no seu cotidiano escolar ou na atividade prática. Em outras palavras, o ponto de partida de uma pesquisa passa do empírico para o concreto, e do concreto para o empírico novamente, sempre num movimento dialético do pensamento, o que nada mais é que da parte para o todo e do todo para a parte. No entanto, a realidade não nos mostra de modo estático e visível, por isso, deve ser compreendida dentro de um contexto histórico, econômico, político, cultural que, por sua vez, sofre influência das relações sociais. Nesse sentido, podemos dizer que a realidade observada está sempre em movimento, ou seja, esta em construção, envolvendo diferentes conflitos, contradições, tendências, que são intrínsecas entre si.

O ponto de partida para todo estudo científico é a observação, que é também o meio para validar os conhecimentos adquiridos. O sentido da observação é dar maior validade, fidedignidade e eficácia ao trabalho científico. Quando se fala em observação, estamos falando de examinar para entender, sondar para conhecer. É aplicar os sentidos para ter uma determinada informação sob algum aspecto da realidade, é ver o que está acontecendo.

O olhar do pesquisador deve ser um olhar de prontidão, deve estar atento, preparado para acolher o novo. Esse estar atento não é um ver e relatar, mas é ver no comum o diferente. Para tanto, é preciso uma certa dose de participação, interação do pesquisador, não esquecendo que, ao observar, obtenha os dados com imparcialidade, sem contaminá-los com suas próprias opiniões e interpretação.

‘Disse o mestre: aguarda que eu vou meditar e esvaziar a cabeça para poder melhor ouvi-lo’ A inteligência cognitiva do Eu e seu apego ao que já se sabe são aqui apresentados como uma dificuldade para se compreender as coisas. Frisa-se aqui o desapego do que o Eu já elaborou para não se contaminar preconceituosamente o campo arquetípico da elaboração de novos símbolos. (FAZENDA, 1995, p. 44).

O desafio desta pesquisa é reconhecer que a possibilidade de pesquisar, hoje, em educação implica enfrentamento com a pluralidade, com a diferença, de tal modo que nos obriga a formular questões permitindo assim que as respostas levem em consideração as experiências sociais e a historicidade do sujeito-professor. O que nos chama a atenção, quando se convive com o cotidiano na escola pública, é que a escola, como instituição social encarregada de transmitir o conhecimento acadêmico, também deveria construir significados, questionar e reforçar interesses sociais, tratar de assuntos com dimensões política e cultural e, ao deixar de fazer isso, peca e falha em seu principal propósito, deixando milhares de crianças entregues a uma vida desesperançada, abandonadas na precariedade de suas vidas, onde o olhar da professora, turvo pelo preconceito, junta-se à idéia do fracasso escolar como um fatalismo por conta do destino. Nesse sentido, a perspectiva da educação com qualidade apresenta uma grande complexidade e nos convida a pensar os diferentes aspectos da cultura escolar, a atuação da professora e do sistema de ensino como um todo.

Por outro lado, reconhecemos, porém, que, por mais que mergulhemos em uma dada realidade, não conseguimos desvendar como ela é.

Ontem quando fui dormir vi que a noite estava bonita. Um luar maravilhoso mesmo que eu quisesse descrever a noite eu não conseguiria. A gente nunca consegue nos livros nos escritos tudo é diferente. (VERÍSSIMO, 1965, p.95).

No presente trabalho, realizo um estudo e pesquisa que foram observados e analisados em 2001. No ano de 2005 e 2006, começamos uma nova observação sendo realizada uma pesquisa, parte com alunas que estavam iniciando Curso de Pedagogia e em outro momento com professoras que estavam retornando à universidade, na busca de nova qualificação. Assim, esta dissertação traz dois momentos de pesquisa, em contextos muito diferentes.

Na primeira pesquisa foram realizadas entrevista semi-dirigidas, norteadas por perguntas que pudessem esclarecer as idéias das professoras sobre o tema em questão. Na segunda, foi pedido para que as estudantes escrevessem o que pensavam sobre duas perguntas.

Das dez entrevistas, que foram feitas na primeira pesquisa, somente apresentaremos cinco delas, para não tornar esta dissertação cansativa a quem viesse lê-la . As entrevistas seguiram a forma descrita abaixo:

Primeiramente, fomos apresentadas às professoras pela diretora da escola, como pesquisadoras que desejavam investigar, diagnosticar e, posteriormente, intervir junto às professoras, com a finalidade de fazermos uma reflexão sobre o fazer docente. Num primeiro instante, entramos em contacto com as professoras em uma reunião com a presença de todas, de maneira muito informal, respondendo perguntas a respeito do que elas queriam saber sobre a pesquisa. Posteriormente, marcamos uma entrevista individualmente, retirando dez minutos da aula da professora. Também, nesse espaço, procuramos fazer desse momento o mais descontraído possível. A nossa intenção, nesse tempo, foi de solicitar à professora que contasse um dia da rotina de seu trabalho docente, focalizando suas maiores dificuldades encontradas na escola. Paralelamente, demos um questionário contendo duas perguntas, para serem respondidos na casa da professora. Retornaríamos na semana seguinte para recolhê-las. Às entrevistadas garantiu-se sigilo, por isso seus nomes são fictícios. Seus depoimentos foram transcritos o mais fielmente possível.

Nesse sentido a nossa intenção é de perceber aquilo que as professoras traziam consigo como representação sobre questões da docência.

Dessa forma, a nossa primeira visão opaca e caótica, de uma estrangeira que acaba de chegar ao local, foi, aos poucos, se firmando, tomando conhecimento, construindo um diagnóstico através da observação, da interpretação dos desenhos e das escritas da professora.

Para tanto foram registradas observações ocorridas em seu cotidiano, seus depoimentos, desenhos, escritos dessas professoras.

Num primeiro momento, observamos a professora em sala de aula, passando a uma conversa bastante informal sobre as dificuldades de ensinar nas escolas públicas, nos dias de hoje. Posteriormente, falamos sobre suas lembranças de professores do passado que, de alguma forma, “marcaram” suas vidas de forma

positiva ou negativa, e como esse agir da professora do passado influenciou o seu viver nos dias de hoje. Com essa atitude, estávamos assumindo a história do indivíduo não só como uma sucessão linear de fatos mas, também, acreditamos na descontinuidade da história, uma vez que o sujeito pode ter sua vida alterada de uma forma casual.

Em outra ocasião, perguntamos às professoras por que os alunos fracassam na sua aprendizagem. Posteriormente, foi pedido para que desenhassem uma sala de aula que representasse o seu cotidiano. Em outro momento, demos algumas perguntas semi-dirigidas, para serem respondidas pelas professoras. Como última etapa, propusemos um espaço, onde as educadoras pudessem coletivamente verbalizar suas experiências do passado, ligando-as com o presente, pois acreditamos, com isso, estar oferecendo uma base para a construção da subjetividade, ou seja, permitir às professoras compartilhar em um mesmo universo de práticas e angústias que, possivelmente, possa fazer parte de seu cotidiano de trabalho. O juízo crítico implica uma transformação no mundo interno, o que pode gerar uma mudança no mundo externo. Para tanto, usamos da linguagem do desenho, como forma de expressão.

Para finalizar, abrimos o grupo para debates, para que elas mesmas pudessem observar e analisar seus desenhos, tecendo comentários. Foi problematizado o conceito do mito do aluno ideal e a fantasia de ser uma professora que obedece a padrões sociais.

O objetivo foi de interferir em uma situação concreta, contribuindo assim para que as professoras, através de uma auto-análise ou de uma reflexão, pudessem se perceber, como sujeitos que refletem em suas ações, situações carregadas de tabus, preconceitos, ou como o trabalho docente pode ser executado à luz de um ideário pedagógico bem constituído, pela sua herança cultural.

Esta dissertação é produto de pesquisa, análise e intervenções efetuadas em um grupo de dez professoras, que apresentam insatisfações no seu fazer docente. Essas professoras trabalham com crianças e adolescentes que freqüentam a quinta série do primeiro grau de uma escola pública, da periferia de Osasco, SP. Para uma melhor compreensão das insatisfações das professoras, elas foram observadas e acompanhadas no seu cotidiano em salas de aulas, durante oito meses. As queixas apresentadas pelas professoras e diretora da escola estavam diretamente relacionadas com a dificuldade de ensinar, tendo como resultado um

descontentamento, um mal estar gerado entre os protagonistas da escola, quer seja dos que dela se utilizam, quer seja dos que nela trabalham. A análise da pesquisa fez-se por meio de uma reflexão sobre o fazer docente, fundamentada em alguns teóricos. Posteriormente à pesquisa, ocorreu a intervenção, delineando uma visão, um recorte que nos permite ter múltiplas possibilidades de compreensão das inflexões em torno da díade: representações de ser professora e do papel desenvolvido por elas na escola.

Com a preocupação de compreender as representações da professora sobre o que pensa a respeito de seus alunos, se esse conceito pode influenciar na aprendizagem do aluno, na busca de tal indagação, é que caminhamos com esta pesquisa.

Perguntamos se o sentimento de baixa auto-estima da professora, o fato da sociedade, alunos e sistema educacional revelarem uma má aceitação ou desvalorização do seu papel interferem no seu cotidiano em sala de aula.

A proposta de estar observando somente as quintas séries ocorreu pelo fato de serem estas séries as que mais apresentavam problemas na escola pesquisada, segundo a diretora e as próprias professoras.

As professoras foram acompanhadas, no período de seis horas semanais, divididas em duas vezes por semana, percorrendo um total de seis meses para o levantamento de dados e diagnóstico.

As observações foram realizadas não só em sala de aula, mas também nos bastidores dos intervalos dos alunos, no horário de entrada e saída da aula.

Nesta perspectiva não temos a intenção de analisar a pessoa da professora, mas o que ela representa enquanto professora. Contudo, faz-se necessário perceber que a professora, como qualquer outro ser humano, não é exclusivamente boa ou ruim, mas vivencia esses dois aspectos em sua vida, podendo ora ter ações saudáveis, ora ações perversas, sendo que tais contradições nos acompanham eternamente.

É preciso lembrar que uma leitura particular do real é sempre simbólica, uma vez que tal leitura passa pelos mitos, medos e interpretação da pesquisadora, pois as representações constroem o sujeito e o sujeito as constrói.

Dividimos a análise do trabalho nas seguintes etapas: aquilo que foi observado, o que foi registrado em forma de perguntas, os desenhos e suas interpretações, seguidas de cada registro.

Iniciamos o processo de análise observando as professoras na escola. Para tanto, selecionamos algumas situações que acreditamos serem significativas para uma análise nesta dissertação.

A primeira pessoa a ser contatada, ao chegarmos à escola, foi a diretora que, ao saber da nossa intenção de desenvolver um trabalho pedagógico naquele local, convidou-nos para atuar junto às professoras, no sentido de estar motivando-as, sensibilizando-as para que pudessem desenvolver um trabalho melhor em sala de aula. Segundo a diretora, o problema estava centrado em dois pontos: os alunos “bagunceiros” que não queriam “saber de nada com nada”, prejudicando aqueles que queriam aprender, e algumas professoras “incompetentes”, que só enganavam que davam aula, quando, na verdade, fingiam que ensinavam. Essa relação entre diretora e professoras acontece carregada de uma negatividade, pois a primeira deixava claro que a dificuldade dos alunos aprenderem ocorre por causa da má qualidade do corpo docente. Para a professora, o fracasso é justificado devido a precariedade da escola, responsabilizando a direção. Esse mecanismo provoca outro fenômeno que é a atribuição da culpa aos que são subordinados. É assim que a responsabilidade do fracasso escolar recai sobre a professora, segundo a avaliação da diretora, mas, segundo as professoras, é culpa da má administração. Nesse jogo de achar culpados, a escola produz um quadro de rivalidade que desencadeia uma grande ansiedade vivida pelos seus membros. A professora, recebendo o peso dessa incompetência, tenta se redimir buscando outra justificativa ou contra ataca. No entanto, é certo que a sua auto-imagem é abalada nesse processo, ficando debilitadas, e passando a acreditar menos em si mesmas.

Essa imagem da professora incapaz, desqualificada, desacreditada bloqueia a reação do ensino- aprendizagem. Diante desse quadro, a educadora, para fortalecer a sua auto-estima, precisa ser estimulada a adquirir um olhar anti trágico.

A escola estadual x está situada num bairro periférico da cidade de Osasco, atende crianças de quinta a oitava série, com idade entre onze a quinze

anos. Funciona em três períodos, manhã, tarde e noite, sendo de cinco horas os períodos diurnos e de quatro horas o noturno.

A clientela dessa escola é considerada de um nível sócio-econômico baixo, a renda per capita dos pais oscila entre um a cinco salários mínimos.

O prédio está bastante descuidado quanto a sua manutenção. As paredes estão sujas, existem muitas grades de proteção por toda a escola. Há 12 salas de aula, muitas delas estão com várias carteiras quebradas, impossibilitadas de serem usadas. É comum nas salas a desordem e a depredação. Papéis e aparas de lápis estavam espalhados pelo chão da sala de aula. As classes têm uma média de 45 alunos matriculados, mas freqüentam normalmente 35. Possui uma biblioteca que não funciona por falta de livros, uma sala de vídeo que muito raramente é utilizada, uma quadra de esportes descoberta, uma cantina particular, uma cozinha, dois banheiros, um o masculino e outro feminino.

Fazendo, primeiramente, uma caracterização sócio-cultural do sujeito da pesquisa(faixa etária, nível sócio- econômico, estado civil, tempo de exercício no magistério, grau de instrução) formou-se uma amostra que obedece aos critérios relacionados abaixo.

São professoras que estão atuando em escolas públicas, trabalhando com crianças e adolescentes na faixa etária entre onze a quinze anos. Atuam como professoras entre quatorze a vinte e dois anos nessa profissão. Possuem nível superior completo, sendo que quatro têm sua formação superior em Letras, e somente uma possui sua graduação em Matemática. Têm idade entre 35 a 50 anos. Quase todas trabalham dez horas diárias, atuando em, pelo menos, duas escolas diferentes. Uma é solteira, outra é divorciada, três são casadas.

O quadro abaixo mostra estes dados de forma clara:

QUADRO

Nome	Idade	Formação	Estado civil	Tempo profissão ^T
Conceição	48	Letras	Casada	22 anos
Edna	42	Letras	Casada	19 anos
Fernanda	41	Matemática	Solteira	15 anos
Hilda	38	Letras	Divorciada	15 anos
Maria	43	Letras	Casada	17 anos

Analisando tal amostra, vemos que a idade entre trinta e cinco e cinquenta anos identifica professoras que viveram na infância, adolescência ou início da vida adulta no período dos anos 60 e 70, os quais foram representantes de transição caracterizada pela mudança de padrões e valores culturais que marcaram a sociedade brasileira nessas décadas. A condição de todas terem a graduação e serem profissionais atuantes, em princípio, pressupõe uma situação de igualdade entre todas as entrevistadas. O tempo de serviço, entre quinze e vinte e dois anos de trabalho, sugere uma certa experiência no ofício de ensinar. O fato de serem ou terem sido casadas e serem mães sugere uma outra experiência como ensinante além daquela da docência. E, finalmente, a carga horária de dez horas de trabalho acarreta-lhes uma sobrecarga

CAPÍTULO II

2.PROFESSORA E ALUNO : UMA RELAÇÃO DE AJUDA

A preocupação com a educação das crianças e adolescentes alunos das escolas públicas, particularmente, os filhos de família de baixa renda me levaram a esta pesquisa.

No ano de 2005, trabalhando com professoras já formadas há mais de dez anos, exercendo a profissão e fazendo cursos de pós-graduação em Psicopedagogia, fomos tentadas a realizar uma pesquisa onde pudéssemos aferir se existia ou não uma relação entre a representação e o fazer pedagógico da professora. Nesse sentido, pedimos que fizessem uma produção de texto onde colocassem o que é ser uma boa professora.

Seguem abaixo frases escritas por elas;

“Ser uma boa professora é: primeiro ter domínio sobre o que vai tratar; segundo, ter domínio sobre si mesmo; terceiro, não cessar a atualização profissional; quarto, ter um intercâmbio fácil, transparente e saudável com os colegas.” (Clarice)

“Ter vocação, amor e respeito pelo que exerce.” (Isabel)

“Um bom professor deve planejar suas aulas.” (Márcia)

“O bom professor é aquele que: É flexível, buscando adequar seu trabalho com a realidade da sua turma”. (Fabiana)

“O bom professor é aquele que faz a ponte entre o aluno e o conhecimento, procurando propiciar a construção do conhecimento pelo aluno, tornando-o um sujeito-autor.” (Bruna)

Lendo os textos, percebemos o quanto temos que refletir ou pensar na reconceituacão dos nossos objetivos a serem alcançados enquanto profissionais da educação. E reconceituacão da imagem que a professora tem de si própria de ser uma boa professora. As respostas mostram-nos que normalmente, o que se entende por uma boa professora é ser aquela que consegue fazer com que o aluno aprenda, e o aprender poder ser uma cópia do que ela ensinou ou, em outras palavras, o aluno deve ser capaz de repetir o que lhe foi ensinado.

Essas representações são desveladas a partir dos valores que as professoras alimentam do seu ofício de ensinar e, também, estão intimamente ligadas ao modo como elas percebem o processo de aprendizagem ou, ainda, de como vêem o sujeito cognoscente.

Também percebemos que jamais a professora é vista por inteiro, enquanto membro de uma classe social e submetida a determinações econômicas, culturais, políticas. Geralmente o que se espera dela, enquanto padrão de comportamento, é algo próximo de uma utopia, grandiosidade de caráter.

Parece-nos que a professora não tem consciência da distância entre a sua prática e o seu discurso. Suas escritas sugerem que elas têm boa intenção, esforçam-se em acertar, e penso que, sinceramente, elas se dediquem a construir uma pedagogia capaz de levar o aluno à construção do seu conhecimento. Mas, o que temos visto é que, por várias razões, isso não acontece.

Autores como Demo (2000) têm-se dedicado a defender uma proposta educacional voltada para a autonomia do sujeito, o que significa que uma das principais funções da escola é preparar o aluno para aprender a pensar. O aluno, que vive uma situação de risco, pode utilizar-se da escola para aprender a pensar sua própria história e, com isso, refazer-se como sujeito capaz de encontrar suas soluções possíveis, pois aprender é, no seu cerne, saber construir sua própria história, assim também como a história coletiva. Pois o sujeito que conhece apossa-se do conhecimento acadêmico, aplica-o a sua vida cotidiana e transforma a forma de ver, pensar, sentir o mundo. Ou parafraseando Heráclito (500 a.C.), o sujeito, ao passar pelas águas do conhecimento, nunca é o mesmo, pois o conhecimento tem a possibilidade de transformar o homem. À professora cabe, até por uma postura ética de uma consciência política e por estar se relacionando com crianças e adolescentes em dificuldade, o dever de perseguir uma reconciliação do adolescente consigo mesmo e dele com o desejo de aprender, assim também como da professora consigo mesma, pois a relação professora e aluno oferece um espaço de desenvolvimento pessoal e social para ambos.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predestinada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. (FREIRE, 1996; p. 58).

A importância da educação está intimamente ligada àquela defendida por Marx, retomada por Moran e reafirmada por Souza Neto, na teoria de que cabe à professora propiciar aos seus alunos uma possibilidade de construir um caminho mais digno e humano para a vida, de que a visão turva que nos é passada da criança e adolescente transgressor, de família desestruturada, do traficante, do viciado, do ladrão, que, tudo isso não nos impeça de ver a criança e o adolescente que temos diante de nós na sala de aula. Olhar o aluno com empatia é uma tarefa que exige que a professora abandone definitivamente os julgamentos prévios, os preconceitos, a indiferença e a ignorância, afim de que a criança e o adolescente não mais se tranquem em um mundo de luto interior onde criam diversas forma de agressividade, condutas divergentes, que rompem com a moralidade e a legalidade da sociedade que o marginalizou.

Cabe à escola pensar sobre o seu insucesso e nas suas causas, refletir sobre seus próprios processos e sua forma de atuar, que possa analisar, desconstruir, e reconstruir sua ação pedagógica. Mas sempre ciente de que, nesse processo de autonomia, cabe a ela prestar contas de seus resultados com responsabilidade.

Sêga(2000) concebe a idéia de que as representações nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. Esse principio pedagógico de despertar no sujeito a capacidade de pensar requer que a professora seja livre e capaz de resignificar suas representações, de ir ao encontro dos alunos, de conduzi-los para a criatividade.

Em síntese, ao analisar a representação da professora, podemos perceber que o processo escolar deve ser entendido na relação e não no isolamento. Pois a professora é formada por suas representações que são construídas historicamente, através dos eventos do mundo social. E os eventos do mundo podem modificar a imagem que temos desse mundo. Nessa dialética, a representação é uma trama complexa onde o sujeito interage com o mundo e o

mundo interage com o sujeito, influenciando o seu modo de ser, de pensar e de ser no mundo.

2.1 AS REPRESENTAÇÕES DA ESTUDANTE SOBRE O SER PROFESSORA

Ainda, continuando com a pesquisa ano de 2006, trabalhando com alunas do primeiro ano de Pedagogia, tive a oportunidade de pesquisar quais as imaginações que a futura professora tem sobre o ser professora, que idéia ela faz da profissão, nesse início de sua formação docente.

Pedi para que escrevessem o que significava para elas ser professora.

Abaixo estão algumas frases escritas pelas alunas:

“Na minha opinião ser professora é sinônimo de dedicação.” (P.P)

“O professor tem que ser uma pessoa paciente.” (M.I)

“Quando se diz professor, sempre esperamos um prolongamento dos pais.”(G.C.)

“Pode parecer utopia, mas... ser professora é ser amável, disciplinada, inteligente, paciente, exigente, legal, brincalhão, louco, valorizado, organizado, aprendiz, mestre, lutador, e amante do aprender e ensinar.”(M.J.)

“Ser professor é buscar sempre a melhor respostas para questões de seus alunos não importa quais sejam.”(C.G.)

Nas escritas dessas alunas ficam evidente as graves lacunas do real entendimento e responsabilidade do que representa ser professora. Seus escritos indica-nos , quando se fala em professora, que tem como modelo uma educação idealizada. com característica de uma super-heroína.

[...]Por representações sociais designamos um conjunto de conceitos, enunciados e explicações originado na vida cotidiana. [...] Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e aos sistemas de crenças das sociedades tradicionais; poder-se-ia mesmo considerá-las como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 1981; p. 181 apud JODELET, p. 218).

Nessa perspectiva, a representação pode ser vista como produto de um determinado processo social, que está vinculado à problemática da exclusão, exploração, dominação, preconceito, controle. As professoras, com tais representações, podem passar uma imagem que perpetua, pela sua própria ação, a dominação e a exclusão do outro.

Nesta pesquisa, a representação é tomada como algo que elas têm muita dificuldade para simbolizar, bem como atribuir significados para o profissional educador. Há, nos textos, uma mistura confusa e vaga de adjetivos. Esse sujeito-professor é visto como alguém que não vive as dúvidas, as necessidades, não sente as aspirações dos alunos; é um ser que, no ofício de sua profissão, chega as suas aulas dominando muito bem os conteúdos, as novas técnicas, os métodos, com a expectativa de dar boas aulas, de fazer os alunos aprenderem e de fazer, os próprios professores aprenderem com ele. Elas vêem o papel da professora como executora de tarefas preestabelecidas por outros e, com isso, quebra-se um elo muito importante de responsabilidade e coerência frente ao seu próprio fazer.

Assim, a representação social predominante sobre o ser professora não a coloca em sua realidade concreta, mas sim em uma idealização que se aproxima e se restringe a representações formadas pelas camadas dominantes, que se refere à cultura de determinados sujeitos brancos, de classe média, completamente alheios aos conflitos sociais que nos rodeiam como o problema da fome, do desemprego, os povos desfavorecidos, o racismo, e o consumismo desenfreado. No entanto, temos a clareza de que seja muito cedo para que elas possam entender o trabalho docente, principalmente porque, possivelmente, vieram de escolas que possuem formas estereotipadas, homogêneo e repetitivos de dar aula.

Entendemos que muitas das respostas dadas pelas alunas estavam carregadas de ideologia e suavidade, fantasiando a profissão de professora quase como um “conto de fadas pedagógico”; também acreditamos que pode haver a intenção de “agradar” a quem estivesse perguntando. Em nenhum momento encontramos a preocupação das alunas com a superação de conflitos, ou de entendimento e aceitação deles. O que nos preocupa é que, se não houver tal entendimento, a professora pode vir a sucumbir a eles, transformando o trabalho em uma lamúria constante. Pelos textos, a visão delas é um tanto sonhadora, não há

idéia de embates, de enfrentamento sérios, não demonstram conhecer bem a realidade do contexto educacional que o país vive, que há momentos de tensão, de angústia, de aspereza e percorremos caminhos árduos, dolorosos e difíceis, principalmente quando trabalhamos com alunos de situação de risco, como é o caso da escola pública. A ação da professora tem que se expor a críticas dos dirigentes, das colegas, dos pais, dos alunos e dela própria. É preciso colocar limites, cobrar responsabilidade, incentivar, motivar, socorrer, passar por momentos desgastantes de ter que se indispor com alunos, propor caminhos e apostar neles.

A ação da professora pode também se desenvolver ao perceber que situações como essa fazem parte de seu cotidiano. Por vezes, o aluno se manifesta com impulsos agressivos, apatia, cinismo, indiferença, inibições e, nesse caso, cabe à professora situar-se em um ângulo que lhe permita ver além dos aspectos negativos. Enxergar o pedido de auxílio de alguém que grita por socorro, num mundo que se mostra hostil a ele.

2.2 REPRESENTACOES DA PROFESSORA NO FAZER DOCENTE

Os textos que seguem abaixo expressam, de modo significativo a postura que permeia o grupo de professoras da escola observada. Tratam das relações entre professores e pais.

No período do intervalo dos alunos, as professoras se reuniram para conversarem, e surgiu na roda um diálogo entre elas, que registro abaixo

A professora Ana conta que seu aluno trouxe-lhe um bilhete de casa, escrita pela mãe, dizendo o seguinte:

“Professora Ana, gostaria de saber qual será o plano curricular anual utilizado pela escola, para este ano. Gostaria de conhecê-lo para poder ajudar meu filho em casa”.

A professora que recebeu o bilhete tinha conhecimento de que essa mãe é formada em Pedagogia pela USP. De posse do bilhete, demonstrando uma certa ansiedade, foi procurar as colegas e lhes mostrou o bilhete, pedindo sugestão de como deveria respondê-lo.

Num primeiro momento, as demais professoras solidarizando-se com a professora e demonstrando indignação, dizem: - “Essa mãe não tem o direito de invadir o espaço da escola, para ficar “bisbilhotando” sobre o pedagógico, dê uma resposta que deixe bem claro isso para ela”.

Uma segunda professora diz: -“Procure, no guia curricular, uma resposta bem completa e escreva para a mãe, mostrando que você entende de educação”.

A modernidade, como afirma Heller (1989; p. 161), deixou-nos a herança da instabilidade, pois tudo que é sólido se desfaz no ar. Igualmente a escola deixou de ser o espaço do acesso ao conhecimento, dadas as condições geradas pela pós-modernidade, e passamos a ver além do “aluno e professora padrão”, numa perspectiva de superar a padronização característico na instituição educacional e da dinâmica pedagógica.

Com base nesses pressupostos, todos nós professores já temos consciência de que estamos vivendo mudanças profundas. O que nos parece difícil neste momento é compreendê-las adequadamente, pois o impacto causado diante desse fenômeno pode ser o de incerteza, insegurança, revolta e, conseqüentemente, pode suscitar diversas reações, de perplexidade, desânimo, ou a busca de soluções, atitudes criativas no fazer docente. A insatisfação, outra herança da modernidade, pode nos mover a irmos em busca do que nos falta, a criar, a satisfazer necessidades.

Sabemos que o mundo contemporâneo, está cada vez mais complexo nas suas diferentes formas, que marcam a sociedade como um todo e as instituições com grande divisões e inúmeros conflitos. Por isso, a escola, no contexto de suas interrelações, deve repensar o seu modo de interpretar o mundo, de se relacionar com seus pares.

A escola, como uma instituição pública, deve propiciar um meio no qual as relações entre os agentes a ela relacionados ocorram em um clima de intercâmbio livre e irrestrito. O novo conceito da escola pós-moderna não pode ficar à margem do mundo o qual deseja conhecer e transformar, necessita, sim, auscultá-lo, para poder compreendê-lo. Faz-se necessário conhecer os significados, ler com eles as mudanças do mundo atual, uma vez que a escola não está sozinha em sua missão de situar o sujeito no mundo. É preciso que ela seja sensível às influências de outras instituições. Portanto, cabe à escola somar-se à vida das famílias, à vida

em sociedade e aos demais que a rodeia. Se essa liberdade for dada aos pais, valorizando a opinião, a liberdade de expressão, teremos uma escola que pode aprender com o outro e enriquecer-se com o recebido, que não se opõe nem nega a participação do outro, mas dela necessita.

Tendo presente esse diálogo, é possível constatar que o grupo observado manifesta uma forte tendência de demarcar e guardar o espaço físico e intelectual da escola, eliminando a possibilidade do diálogo entre esses pares. E conseqüentemente, instalam-se as tensões e o conflito, onde se situa o mecanismo de poder e autoritarismo que permeiam as relações na instituição escolar.

As falas das professoras permitem-nos apontar certos elementos de engessamento, uma idéia de ruptura da perspectiva do diálogo com os pais. Ficam no plano defensivo configurando, de modo bastante cristalizado, o autoritarismo, como se a presença da mãe indicasse uma ameaça. O bilhete despertou nelas o medo de que, talvez, tenham que enfrentar uma mãe que, supostamente, domina um conhecimento pedagógico maior que o da professora. Se, porventura, as duas vierem a se confrontar, pode acontecer de a professora se sentir humilhada, por saber menos que a mãe. Nesse sentido, afastar a mãe com uma atitude rude, com a finalidade de inibi-la, deixando-a embaraçada, é para essas professoras a maneira mais sensata para resolver o problema.

A segunda alternativa, sugerida pela professora, pode parecer que o fato de expor suas idéias através de um bilhete é algo que significa um perigo. Melhor, então, é copiar o que já está pronto, no guia curricular, reproduzir um pensamento alheio é mais seguro. Apoiar-se em uma produção já estabelecida como correta corre-se menor risco.

A concepção da professora apóia-se, em grande parte, em uma auto-estima baixa. Percebemos que são reféns do tédio, amarraram seus desejos de virem a conhecer, de pesquisar. Fecharam-se em um mundo onde tudo já está pronto, organizado, empacotado, perdendo com isso a capacidade criativa, ou seja, a autoria do pensamento; perdendo a oportunidade de dialogarem com uma pessoa (a mãe), talvez, mais experiente e de aprenderem com ela.

Há três maneiras de se castrar uma pessoa, e uma delas é a proibição. Se é proibido fazer, o sujeito não faz, mas, como conseqüência, não se liberta do medo e não aprende e se castra. A outra forma de castração acontece na superproteção: Não precisa fazer, eu faço por você. Também assim o sujeito não faz

e não aprende de maneira saudável, fica castrado. Existe uma terceira forma que é a mais cruel, mais freqüente e menos conhecida, chama-se medo. Ele surge em decorrência de uma possível ou verdadeira ameaça e gera um desconforto, um mal-estar, uma insatisfação. Só que dificilmente é reconhecido por esse nome, ele é mascarado, e camufla-se por detrás de uma revolta, ou de agressão.

O medo é o grande desencadeador do processo de mudança, pois nasce da consciência de que falta algo, ou de que se pode perder algo que já tenha sido conquistado: um emprego, qualidade de vida, dinheiro, amor, respeito. No entanto, o medo é efêmero, afastada a “ameaça”, a tendência é voltar à situação anterior, ou seja, desaparecido o perigo, desaparece a consciência da insatisfação, do medo.

As sugestões para responder o bilhete mostram uma tendência das professoras em omitir suas incertezas, possíveis dúvidas e, sobretudo, em reconhecer que não sabem.

É curioso que sintam a necessidade de saber a resposta do livro, aquilo que já está pronto ou que, tradicionalmente, se têm considerado como respostas certas, uniformes, para certas perguntas. E, à semelhança dessa situação, tem-se buscado a objetividade, a precisão, as respostas certas para os problemas de aprendizagem dos alunos. Poucas vezes se têm coragem para dizer: - não sei.

O sistema escolar e a cultura condenam, reprimem o fato de que a professora, muitas vezes, não sabe, desconhece e tem dúvidas. O estigma de deter todo o conhecimento persegue a educadora e, muitas vezes obriga-a a dissimular, pois gera uma sensação de humilhação, de vergonha, não saber, algo fazendo com que ela aja como se soubesse, ou esconde que não sabe. Essa idealização da professora como portadora do saber é, na verdade, o que traça a sua própria frustração. A noção de que ela não pode errar, duvidar, ignorar aprisiona-a em um mundo irreal, de onde ela própria retira a possibilidade, a necessidade de aprender.

Nesse sentido, assumir o seu aprendizado, ou ser autora do seu conhecimento é assumir seus medos e reconhecer que conhecer faz parte de um processo sempre contínuo e eterno, enquanto viver, para que possa recuperar para si o desejo de saber, já que, para quem ensina, essa é uma das melhores formas de aprender, porque a obriga a organizar e a sistematizar as próprias idéias.

2.3 A EXCLUSÃO QUE NÃO MORRE

Um outro fato, ocorrido no período de pesquisa na escola observada, aconteceu quando estava dentro da sala de aula . A professora da sala chamou-me a atenção aproximando-se, inclinando-se para mim e cochichou como se fosse contar um segredo que ninguém pudesse ouvir. E me falou, entre sussurros e cochichos, indicando um aluno que estava na sala de aula:

“aquele ali de cabelo espetado” (referindo-se ao aluno,) E para confirmar de quem estava falando chama-o pelo nome Ronaldo, pedindo-lhe para trazer o caderno para a professora ver... Após mostrar-me o caderno com olhar de cumplicidade, dispensa o aluno e diz:

“- Esse aí... não tem jeito, você viu, não faz nada e só atrapalha a aula, também coitado, ele não tem culpa, a mãe é toda “atrapalhada”. Em compensação, aquela de blusa marrom é um amor, é uma criança prestativa, está sempre pronta para ajudar na classe, é caprichosa, já está lendo e escrevendo quer ver?”

A educação favorece a “normalidade” dentro das escolas, porém essa padronização nas escolas não foi pensada para acolher o diferente, a diversidade de indivíduos, as dificuldades dos alunos. A preocupação da escola deveria ser o de integrar a diversidade, favorecendo a convivência de sujeitos plurais, de necessidades diferentes, dando o direito à diferença e recusando uma educação excludente.

O fato de a professora falar em tom de sussurro, ao dizer que “esse aí não tem jeito”, por ser a professora uma pessoa de influência na vida de seus alunos, pelo cargo que ocupa, e por estar num espaço privilegiado de educação, constitui uma expressão preconceituosa significativa. Considerando sua posição como professora, seu compromisso com a escola pública e alunos, sua responsabilidade como educadora, o peso que sua opinião pode ter, entendemos que ela deve tomar consciência do poder que possui, para poder influenciar a vida de seus alunos. A atitude da professora não é fruto de uma racionalidade perversa, mas daquilo que Souza Neto coloca para alterar a realidade social que está posta.

Acreditamos que o homem não pode desvendar a si mesmo e ao mundo senão por meio de conflitos e de resistências que as circunstâncias lhe impõem. Cada novo obstáculo ou dificuldade superado leva o sujeito a se conhecer melhor, bem como a conhecer o mundo. (SOUZA NETO, 2006; p. 74).

É importante lembrarmos que, quando nos referimos à escola pública, estamos nos referindo a crianças e adolescentes em dificuldade, é como entendemos a clientela dessa escola. Nesse sentido, concebemos que o papel da professora é também de facilitar a decisão do aluno, orientando-o e estimulando-o para a tomada de novos rumos e objetivos em sua vida, compartilhando com ele fracassos e alegrias. E isso não é possível sem a afetividade que faz parte de um processo de ajuda já no primeiro saber: quem é ele aluno, onde ele está e onde quer chegar. Claro que a decisão final, as escolhas são sempre tomadas pelo aluno que é o sujeito de sua história

Nesse sentido, a expectativa pessimista da professora, decorrente de uma representação desfavorável do aluno que vem de família pobre ou de meio desfavorecido, leva a professora a dar um tratamento diferenciado, ou a uma desigualdade de tratamento pedagógico. Tal atitude da professora traduz um pré-conceito ou a maneira como a educadora apreende e explica para si e para as colegas a dificuldade do aluno em aprender.

O resgate das idéias de Jodelet ao pensar as representações sociais como:

[...]um conjunto organizado de opiniões, de atitude, de crenças e de informações referente a um objeto ou a uma situação. E' determinada ao mesmo tempo pelo próprio sujeito, sua historia, sua vivencia, pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social (JODELET, 2000; p. 156).

Ajuda-nos a entendermos que a construção da representação não se estabelece de maneira isolada, independente e autônoma dos indivíduos, mas na interação entre sujeitos que podem concordar ou discordar, contestar ou aceitar idéias ou conceitos, que podem estar carregados de elementos afetivos, cognitivos, emotivos. Isso explica porque, quando ouvimos uma definição, um conceito sobre

uma determinada pessoa, por mais que desejamos, não conseguimos permanecer imunes diante dessas opiniões. As opiniões, as crenças que ouvimos na mídia, nas rodas de conversas contribuirão, certamente, de diversas maneiras, para a formação de opinião, de atitude e conduta de uma pessoa.

As chances de êxito do aluno em aprender são vistas pela professora como dependendo do aluno, do ambiente familiar. Os valores individuais do aluno são tidos como determinantes, e a fala da professora, nesse caso, está carregada de representação social seletiva e excludente, na medida em que ela aceita o fracasso escolar do aluno culpando-o reforçando, assim, a função seletiva quase sempre existente nas escolas.

Outro aspecto que a pesquisa veio revelar é que o fracasso escolar está intimamente relacionado com o mecanismo de conformismo a que se sujeitam as professoras diante da dificuldade de ensinar. Substituindo-se a autonomia e a consciência crítica da professora pela forma ideológica estereotipada de ver o aluno, como conseqüência, aliena-se a própria educadora.

Nesse pequeno fragmento que apresentamos, a professora mostra que a perspectiva adotada por ela em sala de aula não era de preparar os alunos para uma vida em sociedade, onde a cooperatividade fosse estimulada. Pelo contrário, estabelecia-se um clima, onde o individualismo e a competitividade se evidenciam, mostrando que as interações sócio-afetivas que ocorrem no interior do contexto escolar assemelham-se às que estão presentes no conjunto da sociedade.

Esse modo de relacionar as dificuldades dos alunos destaca o estereótipo e sugere um preconceito quanto à criança pobre, além de conter um autoritarismo que perpassa as relações entre adulto e criança. As expressões - “caprichosa”, pronta para ajudar na classe e “já está lendo e escrevendo”-indicam que, para ser boa aluna, tem que ter essas características como o ser organizada, limpa, ter uma facilidade para aprender, ter uma certa passividade e estar comprometida com a professora, ou ajudar nas tarefas da classe. Esse é um caminho que está na contra mão das novas propostas sugeridas pelo Plano Curricular Nacional. Os elogios da professora à aluna aparecem para reforçar um conformismo no sentido de que o modelo de “bom aluno” apresentado à classe era aquele que estava sempre pronto para ajudar a professora, quando solicitado, que aprendiam com mais facilidade e em cujo modelo todos deveriam se transformar. Essa comunicação ideológica é passada através do modo como a professora

valoriza a “imagem” selecionada do “modelo de bom aluno” e de como critica negativamente o “modelo de mau aluno”. A professora reproduz, em sala de aula com sua fala, seus gestos, e olhar, a discriminação social por ela “incorporada”.

Nesse sentido, a educação passa a constituir para esses alunos um processo de discriminação que evidencia o quanto as crianças e os adolescentes são vulneráveis, e se engaja no ideário colocado pela escola. Dificilmente esses alunos conseguem escapar da rotulação preconceituosa que a escola lhes transmite, que modela suas atitudes e comportamentos, assumindo a ideologia da classe dominante.

O modelo de mau aluno, apresentado pela professora, coloca Ronaldo como o verdadeiro protótipo daquilo que é pejorativo. Tal representação social faz de Ronaldo o depositário do que caracteriza o aluno com vocação para a delinqüência, violento e ocioso. No imaginário social da educadora, quase sempre esse modelo de aluno se faz acompanhado de uma mãe relapsa, descomprometida em ajudar o filho, desleixada, sexualmente promíscua, preguiçosa. Isso é percebido em sua fala, quando cita o aluno como coitado por ter uma mãe “atrapalhada.”

A incorporação de algumas representações “mata” não só a afetividade na relação ensino-aprendizagem, como também a perspectiva individual do ser humano de poder se ver e se sentir como gente. Essa, talvez, seja a forma mais cruel de marcar uma criança ou adolescente, culpando-os pela classe social a que pertencem. Por isso, o olhar da professora deve-se dirigir para além dos rótulos e conceitos pré-determinados, pois a gestão da autoria exige da educadora a condição de trabalhar com a complexidade, bem com os desafios e os limites que eles nos impõem, com a preocupação de não se deixar dominar por nenhuma dessas dimensões.

2.4. POSSIBILIDADES NO TRABALHO DOCENTE

Esta pesquisa permitiu-nos conhecer Fernanda e verificar que ela descobriu caminhos que pudessem nortear o seu fazer pedagógico. Sua fala é a própria encarnação da figura humanizada de professora.

Durante uma conversa informal, perguntamos à professora Fernanda: “Diante da dificuldade do aluno aprender, o que pode a professora fazer para que se mude esse quadro?”

Ela nos disse:

“Quando o volume de conversa começa a aumentar, ou percebo o desinteresse dos alunos por aquilo que estou falando, paro de falar, apago a lousa e começo um assunto, que pode ser algo que esteja aparecendo na mídia ou conto fatos ocorridos comigo durante a minha adolescência, ou falo de casos dos meus filhos adolescentes. Neste momento, percebo que o interesse retorna, e eles falam com entusiasmo deles mesmos, do que gostam de fazer, de seus namoros, do que aconteceu com eles na última noite de sábado, de suas músicas preferidas, fazem perguntas sobretudo sobre mim, não de minha profissão, mas têm curiosidade em saber do que eu mais gosto, como vivo, como é o meu dia-a-dia.” (FERNANDA).

Fernanda mostra-nos que, na superação da rigidez e da relação coisificada entre professoras e alunos, a figura humana da educadora rendeu-se à paixão, é o que anima a nossa alma, é o que dá sentido à canção criada por Milton Nascimento “Mas renova-se a esperança na aurora de cada manhã... e há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto”.

Talvez o importante para a professora seja estar aberta para fora de si mesma, fazendo com que o aluno tenha a liberdade de agir sobre ela, de forma que o ensinar e o aprender para a professora tecem-se mutuamente, com o objetivo de gerar em seus alunos o ato de pensar autônomo. Acreditamos que, na relação entre professora e aluno, é importante que haja o interessar-se pela história do outro, por suas expectativas e trajetórias, dando-se a conhecer e conhecendo as dificuldades e as potencialidades, de cada um, mas sem nunca deixar de acreditar nas possibilidades que todos têm de se constituir como ser humano.

O humano constitui-se no entrelaçamento do emocional com o racional [...] somos animais dependentes do amor. O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se desenvolve como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor a aceitação do outro como um legítimo convivência, são condições necessárias para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (MATURANA, 2002, p. 18).

A compreensão desse fato implica um novo caminho para a educação. É bom lembrar que as formas com as quais a escola trata a criança e o adolescente, com o mecanismos de pressão e de segregação, ignoram, uma das maiores necessidades e desejo do ser humano, o de encontrar-se consigo mesmo, para depois encontrar-se com o outro. Nessa mesma lógica, Souza Neto afirma:

O conhecimento é social, porque é sempre nas relações com o outro e com a natureza que descobrimos quem somos. Nenhum indivíduo sabe quem é por si mesmo. Necessitamos do outro para descobrimos essa verdade. Assim, o homem se descobre na mulher, o aprendiz no ensinante, o filho no pai, o feio no bonito, e vice-versa. (SOUZA NETO, 2006; p. 82).

Para o aluno de situação de risco que, possivelmente, passa por uma baixa auto-estima é extremamente importante ser aceito e estimado, acolhido por alguém, principalmente se essa pessoa é significativa para ele. A escola não é a fonte de todo mal nem de todo bem. Nem está sozinha no processo de emancipar ou de escravização do sujeito, ela contribui para que o aluno pegue a vida com suas próprias mãos e transforma-se no autor de sua história.

2.5 AUTORIZAR-SE A SER AUTORA DE SUA FELICIDADE

Foi vivenciando uma escuta junto às professoras que começamos a pensar se as queixas apresentadas por elas poderiam ser entendidas como expressão direta de uma auto-estima baixa.

Com essa intencionalidade, perguntamos às professoras porque haviam escolhido a profissão de professora.

Na época atual, fazendo uma retrospectiva de como escolhemos nossa profissão, chegamos às seguintes conclusões: antigamente ser professora era ser reconhecida pela sociedade, pais, alunos, era possuir um status. Esta profissão era a única que os pais permitiam para as filhas, já que podiam mais tarde, quando casassem, conciliar trabalho, casa e filhos, carreira esta que foi distorcida, tornando-se essencialmente feminina, pois acham-na um prolongamento das atribuições maternas. (MARIA)

Alcançamos o direito de ensinar, mas a docência é hoje, aos olhos da maioria da população, uma coisa insignificante, sem importância, algo sem valor, bom para mulher que está acostumada a cuidar de criança, como se educar fosse algo fácil e renegado a um baixo escalão. (DOROTI)

Esse depoimento revela que a professora trabalha sob o peso de uma desvalorização e desprezo social generalizado, sendo ela mesma destituída de uma visão da potencialidade de transformação que possui.

O pensamento de estar sendo renegada pela sociedade, de ser vista como incapaz pode desencadear um sentimento de baixa-estima e frustração. Percebe-se isso quando a própria educadora faz referência ao antigo status da sua profissão. Há uma queixa na sua escrita, que faz emergir outros determinantes, uma saudade da escola do passado, o que nos leva a pensar quais são os efeitos morais e psíquicos que atingem a professora diante da atribuição de incapacidade, manifestada pela sociedade.

A insatisfação na qual vive, como profissional, torna-a mais vulnerável à lamúria. Em geral, mergulha em uma singularidade e individualismo, onde o que importa são os seus próprios benefícios. Vive em um cotidiano alienante, colocando-se como vítima do sistema educacional.

Os conflitos que vêm à tona no cotidiano da professora podem levá-la a um sentimento de impotência, na medida em que não consegue solucioná-los. Diante disso, a professora pode reagir com um protesto mudo, passivo, de fechar os olhos para os problemas, e se omitir; evita-se o pensar em um movimento defensivo de negar-se a tomar contato com a avaliação do outro e com a sua própria auto-avaliação.

No cenário escolar, ouvimos, com frequência, entre as professoras, as muitas queixas, não que elas pertençam só ao mundo docente, mas acreditamos que estão mais presentes entre as professoras. Podemos dizer que a queixa possui a finalidade de despertar em quem a ouve um condoer-se, um apiedar-se do outro que reclama. Para quem realiza a lamúria, ela pode funcionar como um desabafar-se, ou ainda uma falsa idéia de que, ao queixar-se, está fazendo uso de uma crítica reflexiva ou uma denúncia, quando, na verdade, ela apenas gera piedade em quem a ouve.

A armadilha consiste na crença equivocada de que se está usando o juízo crítico, de que se está pensando ou analisando uma situação, quando somente se está convalidando. O juízo crítico, o pensar implicam, necessariamente, uma transformação no mundo interno que, segundo como se operacionalize, pode gerar uma transformação maior ou menor no mundo externo. A queixa, pelo contrário, imobiliza. (FERNÁNDEZ, 1994, p. 107).

As queixas das professoras estão relacionadas com a desvalorização de sua profissão, pelo baixo salário, denunciando o valor que as autoridades governamentais dão para a educação. Por outro lado, a própria sociedade para a qual a educadora trabalha passa a olhá-la com desprezo, denunciando abertamente a incompetência que a comunidade lhe imputa, retirando a sua autoridade como professora. Os alunos percebem esse quadro e, igualmente, passam a ter uma postura de desqualificá-la.

Rompe-se a rede de sustentação simbólica do papel da educadora. Percebe-se a fratura, o enfraquecimento da autoridade representada pela figura da professora, ocultando um sujeito castrado, impotente. A professora, ao olhar para si mesma, vê uma imagem que não corresponde à do eu-idealizado. O sentimento de castração da professora dá lugar à revolta. Sentindo-se desautorizada pelo sistema, pela sociedade e pelos próprios alunos, a professora fragiliza-se, esconde-se, fecha-se, enrijece-se diante do ato de ensinar.

Muito se tem falado sobre a questão da melhoria de qualidade do ensino nas escolas. Soluções são apresentadas, como melhoria de salário da professora, valorização do profissional da educação, equipamentos modernos para as escolas, etc. no entanto, devemos ficar atento para não cairmos na armadilha do pensamento único.

A dificuldade que a professora encontra na relação ensino-aprendizagem definimos como a perda de controle do próprio trabalho, não tendo certeza sobre o quê, por quê e como ensinar. Tal fato se deve à pouca familiaridade da professora com a parte teórica, ficando só com a parte prática. A falta de conhecimento acadêmico pode deixar a professora insegura, gerando incertezas, indo ela à procura de “modelos” alheios, que geralmente propõem uma execução repetitiva de um trabalho rotineiro, sem criatividade, o que pode transformar o ensino em um ato mecânico, sempre igual, com uma frieza em suas relações. Tal ambiente não propõe aos alunos um desenvolver de seus interesses, pelo contrário, faz do aluno um sujeito apático, desanimado, alienado.

O cotidiano na escola observada mostra-nos que educar, nas escolas públicas, tem sido uma dificuldade para as professoras, uma vez que o sistema educacional, ao mesmo tempo que desconfia da competência da professora, desconsidera o trabalho docente, fazendo com que este perca o seu valor produtivo e social. Por outro lado, exige competência e êxito, sem, muitas vezes, oferecer os instrumentos necessários. .

[...] muitas vezes os trabalhadores não têm como saber se suas falhas se devem à sua incompetência ou a anomalias do sistema técnico. E essa fonte de perplexidade é também a causa de angústia e de sofrimento, que tomam a forma de medo de ser incompetente, de não estar à altura ou de se mostrar incapaz de enfrentar convenientemente situações incomuns ou incertas, as quais, precisamente, exigem responsabilidade. (DEJOURS, 2003, p. 31).

Quanto à desvalorização sentida pela professora, particularmente acreditamos que o trabalho, na sua grande maioria, gera sofrimento, quer pela presença ou por sua ausência, ou seja os que dele estão excluídos e os que neles permanecem se sentem, na sua maioria, infelizes. A causa do sofrimento pode ser a intensificação do trabalho, o aumento das horas trabalhadas, degradação na própria forma de trabalho, competitividade, fadiga, desconfiança, falta de respeito no convívio com o superior, convívio com pessoas inescrupulosas, salários baixos e outras mais. Mas a principal, talvez, seja a expectativa de ser reconhecido pelo seu trabalho. Esse reconhecimento não é, como nos parece, secundário na vida do sujeito; pelo contrário, mostra-se decisivo para o bem estar do trabalhador. Muitos dos que trabalham colocam muita energia, investimento pessoal, dedicação, esforçam-se para serem reconhecidos. Quando o trabalho passa despercebido, isso pode acarretar um sofrimento. Não estamos negando que o trabalho confere dignidade ao homem, pode emancipá-lo. O que tratamos aqui não é a lógica econômica, política, cultural do trabalho, mas uma análise do efeito na conduta humana. Se o trabalhador vai perdendo a esperança de que as condições que hoje se lhes apresentam possam ser melhoradas amanhã, conseqüentemente isso pode gerar um sofrimento. O sujeito cria defesas contra o sofrimento, algumas delas já citadas, nesta pesquisa, como a apatia, o desinteresse, o conformismo. Na sociedade pós-moderna, de modo geral, o trabalho passou a ser uma mera execução de tarefas mecânicas. Raras são as profissões que conferem sentido à vida do sujeito, que permitem a realização do ego, ou que possibilitem influenciar a vida de outro ser humano. Pensamos que, entre estas poucas, está a profissão da professora.

2.6 O PAPEL DA ESCOLA

Na perspectiva de compreender a representação da professora sobre por que o aluno fracassa na sua aprendizagem, foi feita essa mesma pergunta. Entre as respostas destacamos as que se seguem.

“Porque há um enorme “desinteresse” da família, por mais que o aluno tenha dificuldades, se houver boa participação e “cobrança” da família, ele nunca fracassará totalmente.”

“É uma questão difícil de ser resolvida, porque está muito ligada ao ambiente em que vive o aluno: não é uma regra, mas o ambiente sócio-econômico está muito ligado à aprendizagem.”

Esses escritos dão-nos pistas de que a professora ainda se encontra fortemente marcada pelo senso comum, por valores e conceitos adquiridos em sua formação do passado. Parecem não conseguir romper com tais paradigmas e recorrem às fórmulas já estabelecidas e sistematizadas que impregnam o sistema educacional, no qual a escola se vê isenta de cumprir o seu papel de possibilitar o processo de construção do conhecimento. Isso reflete um paradoxo de suas idéias, pois, ao justificar que o aluno é fruto do seu meio, portanto é possível de ser influenciado pelo outro, a educadora não crê na possibilidade dela construir, em conjunto com os alunos, uma nova realidade ou, ainda, que a força da família não é tamanha, que a escola seja impotente e sem instrumentos para lidar com esses alunos.

Percebe-se que a questão do fracasso escolar está mais ligada aos preconceitos que temos a respeito da pobreza e de uma organização familiar cujo, modelo, é apresentado pela mídia e incorporado por nós, fazendo parte, das nossas representações. Esse modelo é composto de um pai provedor, uma mãe que é responsável pela administração da casa e o cuidado dos filhos, podendo trabalhar fora de casa ou não. O que temos observado é que nas famílias de baixa renda o modelo vivido pelas famílias distancia-se do modelo proposto, pelos meios de comunicação, por uma série de dificuldades de ordem material e relacional. Para a família poder sobreviver a mãe assume a família como chefe da casa e mantém em torno de si o filhos, mesmo que o homem venha a entrar ou a sair da casa o núcleo fica sob a responsabilidade da mulher. A professora cobra da família do aluno o

modelo aceito por ela. Não percebe que a família tida como desestruturada vive dentro de um contexto familiar que lhe é possível diante das circunstâncias atuais. O que nem sempre está ligada a uma desestruturação familiar, apenas vivem o que é possível viverem no momento. É a solução encontrada diante das vicissitudes da vida.

Talvez o que a professora ainda não tenha percebido é que ambas as instituições-escola e família-têm em comum a função de prepararem a criança e o adolescente para a inserção futura na sociedade e a continuidade deles na vida social. Essas instituições podem-se colocar para a criança como um ambiente acolhedor ou hostil, ao mesmo tempo que funcionam como espelho para a criança. É através delas que nos vemos bonitos ou feios, bons ou maus, inteligentes ou limitados. São elas que determinam o que podemos ou não fazer, quais as regras, costumes, valores, se teremos um bom futuro pela frente ou não. No entanto, a escola tem uma especificidade, a de ensinar conteúdos específicos de áreas do saber. Assim como na família não se ensina a criança a entrar em uma fila para poder alimentar-se, também a família não tem obrigação de ensinar matemática, isto cabe à escola. A família pode desenvolver práticas que venham a facilitar a aprendizagem escolar, o que é uma possibilidade passa a ser um dever que a escola cobra das famílias. A preocupação em dar acolhimento, alimento, num ambiente amoroso, estável, provedor, é dever da família. Por várias questões, algumas vezes ela não consegue. Nesse caso, acreditamos que cabe à escola receber essa criança ou adolescente, mostrando-lhes que é possível encontrar, fora do ambiente adverso da família, um lugar onde ela possa ser bem aceita, numa rede de relações estáveis, humanas e amorosas. Possibilitando assim, que o aluno venha através, da escola, conhecer uma realidade menos perversa do que aquela que ele conhece em sua casa.

2.7 A REPRESENTAÇÃO COLOCADA NO DESENHO

Utilizamos dos desenhos, porque acreditamos ser um meio de expressão livre, permitindo à professora projetar no papel as tendências inconscientes, revelando os verdadeiros sentimentos. O desenho é uma ferramenta da qual podemos utilizar na procura de um diagnóstico, na identificação das representações das professoras. Apoiamos-nos no conhecimento da Psicopedagogia, ou em Jorge Visca, para interpretar os desenhos.

O emprego do desenho é mais vantajoso, pois alguns adultos acham mais fácil expressar-se através de figuras do que de palavras, mesmo porque, no desenho, o sujeito desenha o que sente em vez do que vê, pois “O desenho é como uma janela aberta para uma “terra incógnita”, um continente perdido, onde moramos há muito tempo, e que é o domínio de seres muito enigmáticos.” (ARFOUILLOUX, 1976; p. 128).

Na entrevista, a professora pode ser evasiva ou precavida, entretanto, no desenho, as defesas e os estereótipos tendem a fugir de seu controle. Deixa transparecer o que está oculto, pois o lado primitivo, inconsciente, criativo da professora emerge

Nesse sentido, solicitamos às professoras um desenho com o seguinte tema:

“Uma professora do passado que tenha influenciado sua vida de forma saudável ou ruim.”

As professoras dispunham de um tempo para poderem recordar e organizar suas idéias. Teriam que justificar esses desenhos através da escrita.

DESENHO I

A professora justificou seu desenho:

Uma professora que me marcou para o mal, foi uma que tive na faculdade. Tudo começou quando eu participei de um protesto na escola, contra o aumento das prestações, a partir daí, ela começou a me perseguir com notas baixas, até o dia em que resolvi perguntar a ela por que fazia isto comigo. Neste dia ela reconheceu o seu erro, e me pediu desculpas, mas não adiantou fiquei com muita mágoa dela. (HILDA).

Ao analisar o desenho produzido pela professora, vemos uma sala de aula, onde a professora está em pé diante dos alunos, com os braços estendidos segurando folhas nas duas mãos. Possui uma sinalização mostrando que a professora está falando muito, um bla,bla; os rabiscos na lousa indicam que ela está cheia de escritos. Alguns alunos estão com um ponto de interrogação na cabeça, o que nos dá a entender que eles não entenderam nada daquilo que está sendo dito e, embora estejam em dúvida, não fazem perguntas. Os alunos estão representados por um pequeno círculo que, segundo a interpretação de Visca, evidencia que a professora dá grande ênfase ao cognitivo, ou vê o aluno somente pelo ponto de vista intelectual. Todos os alunos estão em seus lugares, sentados, o que indica um sala de aula bem comportada. Somente alguns alunos possuem rosto, isto é, nariz boca, olhos, o que nos leva a pensar que essa professora vê seus alunos como objetos.

Quanto à escrita usada como justificativa, acreditamos que uma professora magoada, que não consegue perdoar as experiências negativas que vivenciou, via de regra, não consegue desvencilhar-se do seu passado. Nesse caso podemos nos orientar à luz dos pensamentos de Berger:

Somente uma pequena parte das experiências humanas são retidas na consciência. As experiências que ficam assim retidas são sedimentadas, isto é, consolidam-se na lembranças como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas. Se não houvesse esta sedimentação o indivíduo não poderia dar sentido à sua biografia. (BERGER, 2002; p. 95).

É certo que o indivíduo, como afirma Berger, retém uma parte de suas experiências na consciência e outras nas lembranças e, quando ocorrem feitos semelhantes, elas emergem. Entretanto, acreditamos que o sujeito, para suprir o negativismo de sua biografia, tenha que se ver tal como é, tenha que assumir certas características que o impedem de viver uma vida mais feliz e realizada.

A professora pode, muito bem, recuperar junto a seus alunos aquela humanidade que não vivenciou no passado. Mas, para isso, é preciso que ela esteja disposta a fazer o exercício de ensinar aprendendo com as experiências do passado, revendo as situações de exclusão por que ela passou.

A imagem que a escola, muitas vezes, nos passa tem muito de uma escola desumanizada, o que pode chegar perto da violência que encontramos nas

ruas, nas casas, nos presídios. Goffman, ao estudar a vida em instituições fechadas, mostra como esse tipo de segregação atua sobre o sujeito.

Provavelmente alguém que nunca tenha estado numa situação semelhante de desamparo pode compreender a humilhação de quem tem competência física para fazer alguma coisa, mas não tem autoridade para isso, precisa pedir repetidamente coisas muito secundárias: roupa limpa de cama, fósforos para cigarro [...] Mesmo os funcionários da cantina pareciam ter a opinião de que a delicadeza seria um desperdício com lunáticos, e faziam com que um paciente esperasse indefinidamente, enquanto batiam papo com os amigos. [...]No entanto, mesmo na aparente liberdade e na amistosidade de uma enfermaria “aberta”, ainda descubro um fundo de ameaças que fazem com que me sinta como algo entre um prisioneiro e um mendigo. (GOFFMAN, 1961; p. 44).

A professora analisada teve uma trajetória de vida escolar traumática. Essa mesma opressão que sofreu a professora a reproduz. O importante é poder recuperar na professora a sensibilidade para essas questões. Cultivar um olhar mais atento, para não copiar esse mesmo sentido de desumanização, o de que foi vítima no passado.

DESENHO II

O desenho é explicado: “a professora que for aberta ao diálogo e às novas propostas do ensino, que se atualiza, dedicada e afetiva é o meu modelo.” (MARIA).

Nesse desenho, a figura da professora está diminuída e se confunde com a dos alunos, que parecem ignorá-la. Talvez essa representação da professora sobre si mesma esteja ligada à idéia de negar a autoridade profissional em nome de uma igualdade entre alunos e professores, mostrando uma relação assimétrica entre ambos, apagando assim a forma de hierarquia que deve existir nas escolas. Ao retirar a autoridade da professora, esta perde a sua legitimação enquanto professora e, possivelmente, seus saberes passam a não serem considerados por parte de quem a ouve. Outra hipótese é que esse desenho represente um sentimento de fracasso profissional da professora, sentindo-se diminuída perante seus alunos ou recriminada em sua profissão pela sociedade, pela diretora e, por isso, tenha uma baixa auto-estima.

Existem três alunos que estão em frente da mesa da professora olhando para uma cadeira vazia. A forma como os alunos se conduzem na sala de aula e a disposição das mesas podem passar a idéia de uma sala dinâmica, onde os alunos interagem entre si e aprendem através da troca entre os colegas.

Ao analisar o texto explicativo da professora, a abstração que temos dele é que a representação da docência caracteriza-se pelo distanciamento, pela frieza da educadora em relação aos problemas da educação, ou uma concepção ingênua do mundo, que é impregnada na maneira como equaciona as questões da docência.

A proposta apresentada pela professora coloca os problemas educacionais como um caso de fácil solução e cujos obstáculos são rapidamente removíveis. Esse olhar romântico da educadora talvez seja resultado da idealização nascida nos tempos da sua vida escolar do passado. A concepção de uma escola harmônica, tranqüila e eficiente mostra que a professora desconhece ou ignora os conflitos com os quais a escola vive hoje. Nos seus escritos, a educadora revela uma falta de lucidez, um distanciamento dos problemas educacionais e uma ausência de identidade com a parte humana dos alunos.

Tomar conhecimento de suas representações pode ser uma possibilidade para a professora adquirir a sua autonomia, estimular o pensamento crítico e a autoria de pensamento, permitindo ocupar um lugar que lhe compete, por direito, no sistema educacional.

DESENHO III

A explicação dada foi:

Para mim, o modelo que tenho da professora é uma que tive na segunda série, Dona Clarisse. Ela era dedicada, afetiva, tratava a todos com carinho. Me lembro dela passando a mão na nossa cabeça. Foi essa professora que me despertou para seguir o magistério. (FERNANDA).

O desenho original está colorido, mostrando duas figuras: uma borboleta já adulta e um coração. A borboleta pode significar a transformação pela qual a lagarta passa até chegar a ser borboleta. Nesse processo de transformação, ocorrem dois fatos: a morte da lagarta com o surgimento de um outro ser, a borboleta. Para que uma nasça, é preciso que a outra morra, conforme afirma M. Freire:

Educar a paixão (morte e vida) é lidar com esses dois ingredientes cotidianamente, através da nossa capacidade, força vital(que todo ser humano possui, uns mais, outros menos, em outros anestesiados) e desejar, sonhar, imaginar e criar. (FREIRE, 2000, p. 14).

Um outro significado que poderia ser dado à borboleta pode ser o desafio que advém da condição de transformação, o que nos leva à idéia de se fazer flexível, de poder viver a realidade de outros modos. A borboleta caracteriza-se pela capacidade de romper casulos, amarras, preconceitos, pode ser uma metáfora que represente a mudança tanto da professora quanto dos alunos, mudança que a escola pode possibilitar a ambos. O coração é usado para representar a paixão, o amor como condição essencial para quem quer educar.

Na justificativa, a professora apresenta sua professora modelo como uma pessoa alegre, dedicada, afetiva, sem dificuldade em dar suas aulas. Essa ênfase na dedicação e afetividade é considerada um aspecto chave que influenciou sua escolha para a decisão de ser professora.

A socialização primária implica mais do que o aprendizado puramente cognoscitivo. Ocorre em circunstâncias carregadas de alto grau de emoção. Sem essa ligação emocional com os outros significativos, o processo de aprendizagem seria difícil, quando não de todo impossível. Qualquer que seja, a interiorização só se realiza quando há identificação. Este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica em uma dialética entre a identidade pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada. (Idem. 2000; p. 176).

O que poderíamos aprender com a fala dessa educadora? Que nas escolas públicas, apesar da imagem negativa da profissão, encontramos algumas professoras que parecem dispensar tais adjetivos, pois estão empenhadas em cuidar da relação ensino-aprendizagem, rejeitando um fazer mecanicista, não se envergonham da sua amorosidade, pelo contrário, recuperam-na do seu passado, trazendo-o para o presente, utilizando-se das boas recordações, o que pode despertar a sensibilidade e encaminhar as demais educadoras para uma formação de ensinante, com um auto respeito, para o exercício da dignidade, do entusiasmo pela docência. Passa o sentido de ser professora através de ações simples, como o cuidado, a atenção, a dedicação.

CAPÍTULO III

3 INTERVENÇÃO

Após terminadas as etapas da coleta de dados e da análise, chegamos a um diagnóstico. Dando andamento a esta pesquisa, elaboramos uma proposta de intervenção, baseada em grupos de debates, com a participação de todas as dez professoras. Para tanto, fizemos leituras de textos que tratam a questão da representação social, e as conseqüências que a pós-modernidade nos traz. A intenção da formação desses grupos era debater o pensamento de alguns autores (Fernández, Morin, Patto, Aquino)

Pensamos a professora como aquela que é o centro do processo para a aquisição do conhecimento mas, sobretudo, um sujeito concebido como ser completo, isto é, social, psicomotor, e afetivo, e, principalmente, um ser em processo de construção da sua pessoa. Nesse sentido, acreditamos que transformar a prática da professora pode ocorrer mediante a reflexão coletiva de suas representações simbólicas.

O pretendido no debate foi reunir as professoras para uma reflexão sobre a sua profissão, observando a complexidade que está posta na educação, mostrar as contradições que elas vivem, desmistificar alguns segredos, resgatando as professoras da incredulidade e da utopia em que muitas delas estão refugiadas. Não se trata de negar os problemas, nem de acreditar que eles serão resolvidos com as novas técnicas pedagógicas, mas de reconhecer a complexidade não como um fato isolado que ocorre dentro das escolas, mas de aceitá-la como uma dimensão cultural da nossa sociedade e da nossa profissão. A reflexão pode leva a professora a pensar o mundo e, principalmente, a si mesma como uma pessoa complexa, feita de ambivalências, dúvidas, emoções e de representações que estão presas às suas experiências e cultura, sendo que uma está interligada à outra. Em outras palavras, não é suficiente admitir a complexidade, é preciso saber identificá-la, acreditando que é possível analisá-la e administrá-la, controlá-la, pelo menos, parcialmente. É claro que a decisão final cabe exclusivamente à professora, no sentido de estar lúcida ou de ficar acomodada no seu posto de trabalho, reafirmar os vínculos sociais, ou de proteger-se dos “alunos problema.”

Por ocasião da intervenção, que se deu junto às professoras, foi possível rever esquemas, analisar hábitos, pensar atitudes, valores e verificar como essas concepções, muitas vezes, são insuficientes para atender a esse novo tempo de complexidade que estamos vivendo. Caminhar em direção àquilo que se quer alcançar nem sempre é fácil, uma vez que a docência é pontilhada por riscos e incertezas, pois a escola vive em um contexto onde os resultados estão abertos a nós, podendo o seu resultado tanto ser positivo como negativo. E se hoje queremos uma escola melhor, mais humanizada, teremos que ser mais sensíveis à necessidade de mudanças, mais humanizados nas nossas relações, tomar conhecimento da complexidade na qual a escola está inserida, romper com a indiferença, rever esquemas, mudar posturas, possibilitando a inclusão aos alunos, tanto aqueles que não vêm na escola nenhum sentido, uma vez que seus pais foram de lá excluídos em tempos passados, quanto aquelas que sentem nela prazer.

A preocupação, nesse caso, é de proporcionar um espaço para que a professora possa deixar emergirem os seus demônios, seus deuses, para desenvolver a capacidade de ensinar. Pode, também, mostrar para a professora seus mitos, a fim de que deixe de acreditar em sua culpa, de considerar-se a causa do problema, por ser incompetente e por ser má. Caso contrário, essa concepção se volta contra a própria professora, transformando-a em uma profissional frustrada e hostil. O que quero dizer é que, quando o desejo, o projeto de vida desaparecem, não há mais prazer em realizar um trabalho na docência. Possivelmente, o que no início da carreira era um desejo construtivo passa a ser para a professora, por não encontrar espaço para a sua realização, um descontentamento ou um objeto que incomoda, inconveniente, hostil, chegando a ser um desejo destrutivo, aniquilador, ou seja, elimina o que inicialmente era objeto de paixão. No entanto, o simples reconhecimento de que falta “algo”, ou de que a educação não está bem é o primeiro passo para iniciar um trabalho de elaboração para a resolução dos problemas e, conseqüentemente, o início da cura da educadora. Nesse caso, é necessário que se revejam os pressupostos, “fantasmas”, conceitos, valores, crenças que estão arraigados e solidificados na professora. Nesse processo de refletir criticamente, cabe à nós, um trabalho de pensar, em conjunto com a professora, questões que podem levar a redescobrir o prazer e o valor social e humano da profissão de ensinar.

É preciso criar um espaço, onde a professora se permita perguntar a suas colegas o porquê de não estar podendo ensinar, de não estar bem, e talvez, o mais importante, que ela possa perguntar-se, ou seja, perguntar a si mesma. Esse tempo de intimidade, do estar só para se perguntar é rico, para que a professora possa se achar como autora de seus pensamentos, ou para que construa um pensar diferente, e assim aprenda a instrumentalizar o seu desejo que é, sem dúvida, a maneira construtiva de ser realmente competente.

A intervenção ocorreu em dezesseis encontros com o grupo de professoras, duas vezes por semana, sendo cada encontro de uma hora. Utilizamos para isso os horários que a escola tem reservado para as professoras estudarem em conjunto.

Para tanto, utilizamos da análise dos próprios desenhos das professoras, que foram colocados em debate no grupo.

A grande riqueza que tais debates proporcionaram está no fato de que as professoras e a pesquisadora tiveram a oportunidade para um confronto com os aspectos sombrios, ocultos, não racionalizados do ideal imaginário, que fazem parte de uma imagem falsa sobre o papel da educadora. O fato de os desenhos serem analisados na presença de todas proporcionou um momento lúdico de descontração para o grupo pois, num primeiro momento, esses desenhos provocaram risos entre elas, o que gradualmente foi substituído por uma calorosa discussão, expressando um resgate do inconsciente imaginário que as professoras trazem consigo, e a influência da cultura popular e da mídia sobre a educação. Essa discussão possibilitou que “elementos não identificados” como o modelo ideológico social, que estão profundamente generalizados no pensamento e na ação da educadora, pudessem aparecer no grupo.

Em nossos encontros, também constatamos o surgimento de alguns frutos, verificados por meio de alguns depoimentos das professoras que relataram sobre experiências novas no cotidiano em sala de aula, que nos deram pistas de que esse trabalho foi frutífero naquilo que se propusera. Considerando algumas mudanças, desde o início da intervenção, gostaríamos de deixar registrado apenas o testemunho da professora Fernanda, que nos relatou sua experiência e tocou-nos mais de perto:

Durante o conselho de classe estavam reunidos para discussão o grupo de professores, pais e os alunos, todos “armados” com seus

argumentos e razões. Com o desenrolar do conselho que ocorreu de forma passional, eu passei a lembrar fragmentos das falas que aconteceram em reuniões passadas. Refleti, transportando aquilo que havia ouvido na reunião para o meu contexto escolar. Num determinado momento, pedi licença e coloquei-me, seguindo uma linha de raciocínio no qual passei a acreditar após nossos encontros, ou seja, deixei claro às demais colegas que tínhamos que olhar mais o lado do aluno, tentar ver as coisas sob o prisma deles, suas dificuldades, seus pontos fortes e pontos fracos e, num processo de conciliação de interesses, auxiliá-los ao atingimento dos objetivos propostos. Depois da minha fala, fui aplaudida pelos alunos. O mais interessante foi que, no dia seguinte, os alunos mudaram seu comportamento habitual em sala de aula. Passaram a fazer suas lições e a se interessarem mais pelas aulas.(FERNANDA).

De alguma forma, Fernanda foi “tocada” por aquilo que dissemos durante a reunião, o que possibilitou uma tomada de decisão para mudar. Fernanda, ao ser aplaudida pelo grupo de alunos, satisfaz suas necessidades afetivas, descobriu que, por essa mudança, ela conquistou situações mais gratificantes, ganhou reconhecimento por parte dos alunos, agregou afeto e felicidade, sentindo-se útil na sua profissão.

Uma outra intervenção foi realizada por nós durante esses encontros. Utilizamos as dinâmicas de grupo, as quais ocorreram com a finalidade de levar as professoras a refletirem sobre como elas constroem o modelo educacional que vivem em sala de aula. Para tanto fizemos a seguinte pergunta:

Você se considera uma boa professora? Após obter as respostas, fizemos a segunda pergunta: Você diria que as outras professoras são, na sua maioria, boas profissionais?

Todas responderam afirmativamente à primeira questão, mas, à segunda, oito responderam que não. Pareceu-nos um paradoxo as respostas a essas duas questões, pois a imagem que a professora alimenta de si mesma não bate com aquela que ela tem da outra, quando relacionada à coletividade. Diante desse fenômeno, dando andamento à pesquisa, fizemos a seguinte pergunta.

Você escolheu a profissão da docência por que gostava, sim ou não? A grande maioria novamente respondeu que sim.

Fizemos uma quarta pergunta:

Você acredita que as professoras gostam do que fazem? A respostas mais uma vez foi negativa.

O resultado mostrou-nos que a somatória das auto-imagens das partes, cada qual refletindo sobre si, não é consistente com a imagem que as partes têm do conjunto que integram, ou seja, de um modo sutil, as professoras demonstraram um sentimento de superioridade com relação às suas colegas de profissão. A primeira idéia que nos ocorre é que há uma contradição em relação à professora e seu grupo de trabalho, ou seja, ou as professoras têm uma falsa concepção de si mesmas, ou distorcem a realidade na qual vivem. A segunda opção é que as professoras possuem um sentimento de superioridade. Uma terceira opção, ainda, é o fato de ter que admitir o fracasso na sua profissão, o que é algo dolorido demais para ser aceito. Decidimos considerar a última posição como a mais viável.

Sob essa ótica, fomos trabalhando em forma de questionamento junto às professoras, pensando em conjunto com elas as contradições que, muitas vezes, nos assaltam na nossa profissão. Discutimos cada uma delas, observando como é mais fácil admitir o erro do outro, não enxergando os nossos, mesmo porque vivemos em uma sociedade onde é admissível um certo clima de corrupção e onde esse padrão de conduta raramente é punido. Quando nada acontece, e o número de impunidade ainda é regra geral, as professoras passam a sentir que a ordem é se acomodar também. Se a má educadora tem o mesmo salário que o meu, não perde o emprego e não sofre nenhum tipo de sanção, então vou ser como ela.

Nesse raciocínio, é possível pensar que a professora, mesmo usando das artimanhas daqueles que ela condena, não se sinta incluída no grupo dos transgressores. Se os resultados escolares não são bons, ela sempre vai-se justificar e vai buscar as causas em outros fatores, nunca nela mesma. A pouca confiança que depositamos uns nos outros, fruto do baixo grau de adesão às normas de convivência, tende a produzir e a perpetuar uma situação típica de falência da composição na vida acadêmica e na sociedade.

Refletimos também sobre o fato de que talvez seja isso que faz com que, sob o olhar de cada indivíduo isolado, as consequências de suas próprias violações às normas pareçam infinitamente pequenas e sem maiores implicações diante não só das vantagens imediatas que tais violações proporcionam, mas da maior gravidade das transgressões que as demais estão cometendo. O mal que cometemos, a mentira que dizemos, a omissão que toleramos, a passividade com que convivemos diante do abuso praticado pela colega parecem menores e menos nocivos, aos nossos próprios olhos do que daqueles “outros” que são nossos

colegas de trabalho e que, indiretamente ou diretamente, afetam nossas ações. O exemplo de cada um serve de senha ou autorização para que cada um possa, por sua vez, imitar esses exemplos.

O que não conseguimos entender é que os efeitos isolados das violações intermináveis de cada uma das partes contribua para os efeitos coletivos dessas violações.

Quando o oportunismo imediato é percebido como regra do jogo, cada um se defende como pode, mas, ao tentar agarrar aqui e ali a sua vantagem particular e o seu prazer imediato, ao transgredir normas e ao ignorar sempre o que for conveniente às leis de uma convivência civilizada, as partes terminam involuntariamente criando um monstro coletivo que não esperavam. Gera-se um todo social hostil, no qual elas não se reconhecem culpadas, e se debatem, aceitando tudo com uma fatalidade cega de uma catástrofe natural.

Nesse sentido, comparo a professora, fazendo uso da metáfora de dois anjos, história que tão lindamente nos conta Boff.

A educadora precisa ser como os dois anjos que caíram do céu. Ao caírem perderam uma de suas asas. Com apenas uma de suas asas não podem mais voar. Para voar precisam de abraçar-se um ao outro. Em sua infelicidade, os anjos caídos necessitam ser solidários. Percebem que precisam um do outro para continuarem sendo anjos. Para isso, abraçam-se e completam suas asas. E só assim, abraçados e juntos, com a asa um do outro, podem novamente voar, Voar alto rumo ao infinito do desejo. (BOFF; p. 107).

Nesse sentido não é correto mais perguntar ou afirmar que o aluno é o problema, e nem que a professora também o é, mas é preciso abrir e criar mecanismos para que a professora e os alunos sejam autores de seus pensamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos, que a pesquisa em educação implica no enfrentamento com a pluralidade de questões que estão imbricadas entre si formando uma complexidade maior com relação às questões educacionais. Não temos a intenção de assumir apenas uma dimensão técnica, mas, acreditamos que no processo ensino aprendizagem permeia uma relação de amorosidade entre os pares - aquele que ensina e aquele que aprende.- também concebemos que a tarefa de reconstrução de uma nova educação deva ser tomada em conjunto por pesquisadores e professores, visando superar a idéia de um modelo único capaz de dar conta de todos os problemas. Ao contrário, percebemos que o momento social, político e econômico, em que vivemos, encaminha-nos para uma visão dialética onde o sujeito é desafiado a superar a si próprio seja revendo suas afirmações anteriores ou descobrindo novos ponto de vista. Nesta visão, não queremos assumir concepção linear ou de direção pré-determinada, ou ainda, mostrar um caminho novo, também não implica em encerrarmos o assunto desta pesquisa Assim sendo, convidamos a outros pesquisadores, professores, estudiosos a aprofundarem suas reflexões a partir do tema que aborde a educação, no sentido, que possibilite a transformação social, que a educação formal nos permite.

Não se trata apenas, de afirmar que as representações das professoras interferem no fazer docente, o que está em jogo, nessa análise de pesquisa, é atribuir um sentido possível a má qualidade do ensino é estabelecer articulações entre contextos e respostas das professoras, é reorientar o nosso olhar, através da reflexão preocupados em estudar ou aprender o momento histórico, as dimensões relacionais da categoria das professoras, a historicidade das experiências sociais dos sujeitos pesquisados. e como esses processos entrelaçados entre si assumem a forma que nos apresentam hoje nas escolas. A análise tem nos mostrado que o caminho percorrido por nós, foi marcado por idas e vindas, referidas a um pensamento dialético e como tal propício a permanente aprendizados, durante o processo da pesquisa.

A explicitação dessas questões esta apoiada na idéia de que um fato quase nunca esta isolado, outros ocorrem como por exemplo: 1) Assumimos a idéia de que é preciso articular a queixa da professora com o reconhecimento pessoal, de modo satisfatório, da sua profissão, 2) Como a escola tem excluído os pais do seu convívio. Não como um processo de maldade, da professora, mas, como uma defesa pessoal da professora, em resguardar-se quanto a possível confrontação com a sua competência de ensinar na escola, 3) Existe uma contradição entre as representações das professoras – aquilo que elas pensam a respeito de sua profissão, alunos, pais, educação _ e o vivido dentro das escolas. Isso ocorre devido a uma certa dificuldade das professoras entenderem a complexidade nas escolas, como tramas que nos capturam e nos envolvem em teias expondo-nos a crises paradigmáticas, como um verdadeiro quebra-cabeça para os que vivem na escola, o que dá-nos a sensação de perda do eixo, de instabilidade, de falta de permanência, 4) Entendemos que um dos motivos que se opõe à boa qualidade do ensino é a exclusão do aluno pobre do processo de ensino, gerando a desigualdade, a intolerância, o preconceito, a discriminação dentro das escolas públicas. Mais uma vez, consideramos necessário frisar, no âmbito deste trabalho, que não temos a intenção de encontrar culpados e nem de estigmatizar a professora de maneira cruel, e perversa, pelo contrário, assumimos que é tarefa de todos nós professoras, a escola como instituição educacional, os alunos, os pais, a sociedade como um todo lutar contra todas as formas de desigualdade, discriminação e preconceito.

Nossa contribuição neste trabalho foi de analisar, em conjunto com as professoras, as representações sociais que elas têm sobre sua profissão, oferecendo uma visão de como tais representações podem interferir no conceito que a professora tem de seus alunos e de si mesma. A partir desse espaço, propiciamos às professoras refletirem sobre as representações para transformarem suas práticas. Esta perspectiva está presente nas idéias de Hegel e Marx que mostra que o homem tende a conhecer a verdade e a abrir caminhos “através do mundo reedificado” (Marcuse,1978:113). A partir de uma dada reflexão sobre suas representações, a professora pode transformar-se à medida que reflete também sobre o seu fazer pedagógico. Assumimos a idéia de que a professora, pode sair da clausura social e psíquica, do seu mundo narcísico, da sua tranqüilidade egocêntrica, e passar do sujeito acomodado e submisso às estruturas do sistema educacional àquele que se abre para o mundo para tentar transformá-lo. Por pequena que seja, introduz uma

mudança em si mesma para, depois, atingir os outros, mudanças essas, que está na sua vida cotidiana no trabalho do dia-a-dia, em suas relações sociais com os seus pares. Capaz de realizar pequenas mudanças que podem se transformar em mudanças sociais, a professora pode sair de um mundo individualizado, passar por um processo de metamorfose de auto-transformação do autoconhecimento –quem sou?- para depois abrir-se para o mundo, tentando transformá-lo

A conversa e a entrevista com as professoras dão-nos pistas da maneira cruel, e perversa pela qual, muitas vezes, a professora é estigmatizada e discriminada em seu ofício de ensinar, sendo assim, concebida pelo sistema educacional e pela sociedade como um todo e, algumas vezes, até pela própria direção da escola. Procuramos compreender-la em seu fazer profissional, destacando uma face menos visível das professoras, o que nos encaminha para um olhar que vai ao encontro dos medos, dos preconceitos, da baixa auto-estima da professora.

As representações constroem a professora e esta as constroem, nesse sentido dialético, as professoras têm sempre uma margem de manobra para poderem elaborar, resignificar as representações que emergem do seu fazer pedagógico e transfazê-las na perspectiva de seduzir e despertar em seus alunos o desejo de aprender, de granjear a autoria de seus pensamentos, ensinando-a ser sujeito autor.

A nossa idéia neste trabalho foi de penetrar no universo de preconceitos e discriminação presentes na sala de aula e demonstrar como essa realidade está permeando o nosso trabalho como educadora, fluindo, muitas vezes de forma difusa e, sutil. Resgatar a nossa identidade como professoras educadoras, tanto a nível pessoal como no social. Promover na professora o potencial que cada professora tem, para que ela possa ser sujeito de sua vida transfazendo o seu viver narcisista para uma vida voltada mais para o social. Estes são alguns aspectos que consideramos importantes de serem trabalhados na nossa linha de pesquisa, propondo a superação de uma visão linear sobre a educação. ,

Através da análise dos depoimentos das professoras é possível afirmar que a nossa interferência deu bons resultados Lembrando que, é impossível precisar o grau de influência da nossa intervenção, pois trabalhar com seres humanos é sobretudo trabalhar com o imprevisível, com as diferenças, as diversidades, e são justamente essas características do sujeito que o dispõe para a

transformabilidade da condição humana, uma vez que entendemos que o ato de refletir é um processo que necessita de “deglutir” “ruminar” as idéias, para depois tomar coragem e mudar.

Importa lembrar, que grande número de professoras, na sua subjetividade continuarão fiéis a seu modo de pensar antigo, ou presas a seus medos, preconceitos, exclusões. Agirão sempre ouvindo seus desejos e seus mitos particulares. Entenderão o que lhes convier, jogando fora o que não lhes interessa, isso porque entendemos que as professoras, como seres humanos heterogêneas, abstraem de forma diferente o que lhe é oferecido. Por isso é bom lembrar que boa parte do nosso trabalho, está fadado ao fracasso nos seus intentos. O que posso inferir é que o trabalho de reflexão junto às professoras, de uma forma ou de outra permitiu às professoras descobrirem e compreenderem que um dos maiores desafios para a professora é requerer dela mesma um trabalho constante, para construir um posicionamento de análise de sua própria realidade pessoal como professora, examinando com uma autocrítica sua conduta e seu fazer pedagógico.

Silva coloca-nos que o professor deva ter uma proposta de pedagogia de esperança, que seja voltada para a tolerância e respeito pelo “outro”. “[...] onde reconheçamos que em nossa construção do “outro” nos tornamos cativos e cativados pelo “outro” e ao desumanizarmos o sujeito, nós desumanizamos a nós mesmos.”(Silva, 2000:30), ou seja, se não reconhecermos nossa humanidade em outra pessoa, não a reconheceremos em nós mesmas.

De tudo que foi visto, observado, pesquisado, analisado nessa dissertação, gostaríamos de destacar duas questões.

Primeiro, que com a análise dos depoimentos e escritos das professoras é possível afirmar que as representações sociais da professora estão carregadas de diferentes formas de desigualdade, exclusão, segregação, discriminação, preconceitos, entre outros males. Isto têm marcado de modo significativo as escolas públicas. Tais processos vivido pela escola compromete a evolução democrática do país, reforçando as características de autoritarismo e mecanismo discriminatórios. Também, por outro lado, o fazer docente por causa do sentimento de desvalorização da profissão da professora da falta do reconhecimento que raramente é conferido de modo satisfatório, a queixa sempre presente, no meio das professoras do baixo salário, descaso dos órgãos governamentais, confere a professora decepções, angústias, dúvidas quanto a sua capacidade de ser uma boa

professora, gerando um sofrimento o qual acaba por dominar a vida da professora alienando-a da sua função social.ou leva-a a interpretar os fracassos do seu trabalho como resultado de sua incompetência, da falta de preparo, incapacidade, Esse juízo pejorativo repercute dolorosamente na vivencia da professora.e vai interferir no que diz respeito a má qualidade do ensino, do sentimento de incapacidade de realizar a docência de forma mais satisfatória, dos alunos se sentirem colocado à margem da escola e da sociedade por terem dificuldade em aprender O caminho percorrido durante a pesquisa tende a apontar que, para além dessas questões estarem possivelmente presentes e interferirem na situação encontrada, elas não podem ser consideradas como as únicas responsáveis pela situação detectada.

Segunda questão no processo da pesquisa encontramos também, professoras que estavam comprometidas com uma formação do sujeito histórico que, ultrapassando os propósitos da sobrevivência, se articula com os objetivos de viver bem não só da pessoa da professora mas, na realização de um ensino que capacite o educando tanto a usufruir do conhecimento acadêmico acumulado, quanto a contribuir na construção de uma sociedade mais humana. A figura da professora nos dá a compreensão do ser humano na sua inteireza nem totalmente bom nem totalmente mau mas, os dois lados se completam formando o sujeito complexo,.capaz de mudar sua vida se for vitalizado pela determinação, perseverança, intencionalidade, ética e o desejo de poder contribuir para um mundo mais solidário e humano podendo assim, compreender e tolerar o outro e a si próprio.

A relevância desta pesquisa esta na questão de que há algo de bom nessas professoras que pode ser trabalhado, a fim de que elas possam se contrapor a situações em que ambos, professoras e alunos se deformem e se desumanizem. Uma vez que o trabalho educacional guarda sempre a possibilidade, de uma transformação provocada pelo refletir que embora seja exercício solitário, nunca se realiza inteiramente sem parceiros, ou seja, a sala de aula é lugar também de exercício permanente de si mesmo e de complementação um ao outro Esta perspectiva está presente nas idéias de Souza Neto que aborda o transfazer do sujeito, que acredita que o homem pode, apesar das adversidade da vida, mudar o seu viver para um projeto de vida mais saudável A escola deveria transformar-se em um lugar significativo de oportunidade a seus alunos de transfazer suas vidas. Abandonando assim a idéia de que a criança e o adolescente possam ser reduzidos

às suas deficiências e aos autos contra a lei. A sala de aula deve ser o lugar onde gera-se relações emancipatórias, dando lugar a um sujeito individual; não como egoístas competências individuais, mas que possui um lugar no mundo e constrói sua história no sistema global e necessita agir com autonomia, responsabilidade, sensibilidade para a construção de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.R. *O Perfil dos Professores Brasileiros, o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo, Moderna, 2004.

ARFOUILLOUX, J. *A Entrevista com a Criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

ARROYO, M. *A Humana Docência*. São Paulo. Artmed, 2000.

AZEVEDO, C. *As emoções no processo de alfabetização e a atuação docente*. São Paulo, Vetor, 2003.

BERMAM, M. *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar*. Companhia das letras, São Paulo, 1986.

BOFF, L. *A águia e a galinha*. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

BRANDEN, N. *Auto Estima*. São Paulo, Saraiva, 2000.

_____ *Auto estima e seus seis pilares*. São Paulo, Saraiva, 2000.

BERGER, P. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 2002

CANDAU, V.M. *Reinventar a Escola*. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

_____ *Educação Intercultural e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2006.

COSTA, A.C.G.A. *A Presença da Pedagogia*. São Paulo, Global, 1999.

COSTA, M.V. *Velhos Temas, novos problemas- a arte de perguntar em tempos modernos*. Rio de Janeiro BUJES, 2005.

DEJOURS, C.A *Banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 2003.

DEMO, P. *Saber Pensar*. São Paulo, Cortez, 2000.

FAZENDA, I. *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. São Paulo, 1995.

FERNÁNDEZ, A, *A Mulher Escondida na Professora*. Porto Alegre, Artmed, 1994.

FRANCO, M.L.P.B. *Análise do Conteúdo*. Brasília, Líber, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1996.

_____,M. *Paixão de Aprender*. In: Grossi (org) *O sentido Dramático da Aprendizagem*: Porto Alegre, Ed. Vozes, 2000.

FULGHUM, R. *Tudo que eu deveria saber na vida, aprendi no jardim da infância*. São Paulo, Best Seller, 1989.

GADOTTI, M. *Educação e Poder*. São Paulo, Cortez, 1991.

GIANNETTI, E. *O Valor do Amanhã*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1961.

HEGEL, G, W, F. *Ciência e a Lógica*. Petrópolis, Vozes, 1988.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

YEN MAH, A. *Cinderela Chinesa*. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

ITANI, A. *Diferenças e Preconceito na Escola*. In: Aquino (org) *Vivendo o Preconceito em Sala de Aula*; São Paulo, Summus, 1998.

- IMBERNÓN, F. *A Educação no Século XXI*. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- JAPIASSU, H. *A Pedagogia da Incerteza*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- JOVCHELOVITCH, S. *Representações Sociais e Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.
- JODELET, D. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, Uerj, 2001.
- KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- LEPHANTINE, F. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no Mundo Moderado*. São Paulo, Ática, 1991.
- LIBERAL, M, M, C, D. *Educar para o Trabalho*. São Paulo, Arauco, 2006.
- MARCUSE, H. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1984.
- MATURANA, H. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte, UFMG, 2001.
- _____ *Emoção e linguagem na Educação e a Política*. UFMG, 2002.
- MOSCOVICI, S, A, *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PATTO, M. H. *A Produção do Fracasso Escolar Histórias de Submissão e Rebeldia*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- PINTO, A. *Sete Lições Sobre Educação de Adultos*. São Paulo, Ed. Cortez, 2000.
- RIOS, T, A. *Compreender e Ensinar*. São Paulo, Cortez, 2001.
- SALLAS, A, L, F. *Os Jovens de Curitiba Esperança e desenvolvimento*. Brasília, Ayrton Senna, 1999.

SÊGA, R. Anos Noventa, revista n 13 julho UFRGS, 2000.

SILVA, L.H. *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis, Vozes, 2000.

SOUZA NETO, J,C.*Educar para o trabalho*. São Paulo, Arauco, 2006.

VERÍSSIMO, E.,*Olhai os Lírios do Campo*. São Paulo, 1964.

VISCA, j. *Pautas gráficas para la interpretación de las técnicas proyectivas Psicopedagógicas*. Buenos Aires, Argentina, 1998

VYGOTSKI, L. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.